

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

LEITURA HIPERTEXTUAL NAS AULAS DE LINGUA
INGLESA: ESTRATÉGIAS DE LEITURA NO ENSINO
TÉCNICO EM ENFERMAGEM

RENATO CÉSAR OLIVEIRA JUNIOR

2017



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**LEITURA HIPERTEXTUAL NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA:
ESTRATÉGIAS DE LEITURA NO ENSINO TÉCNICO EM
ENFERMAGEM**

RENATO CÉSAR OLIVEIRA JUNIOR

Sob a orientação da Professora
Dra. Simone Batista da Silva

Dissertação apresentada como pré-requisito para obtenção de grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola, Área de concentração em Educação Agrícola

**Seropédica, RJ
Março de 2017**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C 95 l CÉSAR OLIVEIRA JUNIOR , RENATO, 1987-
LEITURA HIPERTEXTUAL NAS AULAS DE LINGUA INGLESA:
ESTRATÉGIAS DE LEITURA NO ENSINO TÉCNICO EM ENFERMAGEM
/ RENATO CÉSAR OLIVEIRA JUNIOR . - 2017.
66 f.

Orientadora: Simone Batista da Silva.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA, 2017.

1. Língua Inglesa. 2. Tecnologias. 3. Hipertexto.
4. Leitura. 5. Ensino-aprendizagem. I. Batista da
Silva, Simone , 1970-, orient. II Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. PROGRAMA DE PÓS
GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

RENATO CÉSAR OLIVEIRA JUNIOR

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 28/03/2017

Simone Batista da Silva, Profa. Dra. UFRRJ (Orientadora)

Ana Paula Tavares de Moraes Silva Cypriano, Profa. Dra. UERJ

Renata de Souza Gomes, Profa. Dra. CEFET - RJ

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda minha família, que sempre esteve comigo nesta árdua jornada, e que sempre me apoiou nesta caminhada. Em especial, dedico a minha esposa Daiane Cararo, que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis desta importante etapa acadêmica.

AGRADECIMENTOS

- Primeiramente a Deus, que me deu força e saúde nesta caminhada
- À minha esposa, Daiane Cararo, que sempre esteve ao meu lado
- À minha mãe, que sempre me encorajou em minha carreira acadêmica
- Aos meus filhos, razão de meu viver
- Aos meus amigos, pelo incentivo e paciência durante esta jornada
- Aos meus colegas de turma, pelos momentos de estudo e pela troca de experiências
- Ao Instituto Federal do Amapá - IFAP, pela oportunidade que me foi dada
- Aos professores do PPGEA, pelos ensinamentos e por toda dedicação na construção do conhecimento
- Finalmente, a minha orientadora, Simone Batista da Silva, pela paciência durante esta jornada, pelo empenho na orientação deste estudo, e pela dedicação à construção de nosso trabalho

RESUMO

OLIVEIRA JUNIOR, Renato César. **Leitura Hipertextual nas Aulas de Língua Inglesa: Estratégias de leitura no Ensino Técnico em Enfermagem**. 2017. 66f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2017.

Esta pesquisa procura investigar as práticas leitoras – tanto em textos impressos quanto em hipertextos – dos estudantes do Módulo Básico do Curso Técnico em Enfermagem da Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras, em Campina Grande, Paraíba, analisando possíveis diferenças e semelhanças entre ambas as práticas. Além disso, o estudo buscou discutir sobre as potencialidades do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação nas aulas de Língua Inglesa, especificamente, no que diz respeito ao uso de hipertextos como uma proposta de ensino de língua estrangeira balizada pelas práticas inovadoras e pelo uso destas tecnologias. Para balizar as análises, as perspectivas de diversos autores foram seguidas: no tocante ao uso do hipertexto destacam-se Levy (1995), Snyder (1997), Xavier (2003) e Cosacarelli (2006). Em relação ao processo de leitura, apresentam-se Leffa (1996), Solé (1998) e Correia (2011). No que diz respeito às estratégias de leitura, Celce-Murcia (2001), Brown (2007) e Marcuschi (2009). Os avanços tecnológicos vêm contribuindo significativamente com novas formas de se pensar as práticas educacionais; em especial, o advento das Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC ganha espaço como elemento inovador no processo de ensino-aprendizagem das disciplinas curriculares. A Internet, nesse sentido, apresenta-se como forte aliada na otimização do potencial desses dispositivos tecnológicos, já que o espaço da rede mundial possibilita a troca de experiências entre seus usuários e constante interação com conteúdo informativo atual e autêntico. Uma dessas possibilidades inovadoras é a leitura hipertextual, que por sua vez é assumida como uma prática inerente ao uso do computador ou dispositivo do gênero conectado à Internet. A pesquisa foi realizada com uma turma do Módulo Básico do Ensino Técnico em Enfermagem, totalizando um universo de 25 alunos. Este trabalho é de cunho qualitativo e caracteriza-se como um estudo descritivo/ exploratório. Como instrumento de coleta de dados, utilizamos dois questionários semi-estruturados, denominados *Questionário 1* e *Questionário 2*. No primeiro questionário, voltamos o foco da pesquisa para as relações que os estudantes estabelecem com as Tecnologias da Informação e Comunicação, e, no segundo questionário, direcionamos os olhares de nossa investigação para o posicionamento dos alunos em relação à leitura em Língua Inglesa de textos impressos e de hipertexto, para análise das semelhanças e divergências de ambas as práticas leitoras. A partir dos dados coletados, infere-se que a leitura de hipertexto nas aulas de Língua Inglesa pode representar uma nova proposta para o ensino de uma língua estrangeira nas instituições de ensino do Brasil, apesar dos desafios que circundam e da resistência, ainda que velada, às novas tecnologias.

Palavras-Chave: Língua Inglesa; Tecnologias; Hipertexto; Leitura; Ensino-aprendizagem

ABSTRACT

OLIVEIRA JUNIOR, Renato César. **Hipertextual Reading in English classes: Reading Strategies at the Technical Education in Nursing.** 2017. 66 p. Dissertation (Master Science in Agricultural Education). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2017.

This research sought to investigate the reading practices in printed texts and hypertexts of the students of the Basic Module of the Technical Course in Nursing of the Cajazeiras Health Technical School, in Campina Grande, analyzing, in this sense, the differences and similarities between both practices. In addition, the study sought to discuss the potential of the use of Information and Communication Technologies at English Language classes, specifically, regarding the use of hypertexts as a proposal of foreign language teaching based on innovative practices and the use of these Technologies. The collected data were analyzed to the lights of important authors. Regarding the use of hypertext, we highlight Levy (1995), Snyder (1997), Xavier (2003) and Cosacarelli (2006). In the reading process, we present Leffa (1996), Solé (1998) and Correia (2011). With regard to reading strategies, in the shadows of Celce-Murcia (2001), Brown (2007) and Marcuschi (2009). Technological advances have contributed significantly to new ways of thinking about educational practices, in particular, the advent of Information and Communication Technologies - ICT has gained space as an innovative element in the teaching-learning process of curricular subjects. The Internet presents itself as a strong ally in optimizing the potential of these technological devices, since the space of the worldwide network allows the exchange of experiences between its users and constant interaction with current and authentic information content. One of these innovative possibilities is the hypertextual reading, which will be assumed as an inherent practice of using the computer or device of the genre connected to the Internet. The research was carried out with the Basic Module of Nursing Technical Education, totalizing a universe of 25 students. This work is qualitative and is characterized as a descriptive / exploratory study. As the data collection instrument, we used two semi-structured questionnaires, called *Questionnaire 1* and *Questionnaire 2*. In the first questionnaire, we focus the research to the relationships that students establish with Information and Communication Technologies, and in the second questionnaire, we directed our research to the students' positioning in relation to the reading in English of printed texts and hypertext, in order to analyze the similarities and divergences of both reading practices. From the collected data, it is inferred that, despite the challenges that surround it and the resistance, although veiled, to the new technologies, the reading of hypertext in the classes of English Language can represent a new proposal for the teaching of a foreign language in the Institutions in Brazil.

Key Words: English language; Technologies; Hypertext; Reading; Teaching-Learning

LISTA DE ABREVIATURAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CGI – Comitê Gestor de Internet no Brasil

CONAF – Conferência Nacional de Educação

DRU – Desvinculação das Receitas da União

ETSC – Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras

FNE – Fundo Nacional de Educação

FUNDEB – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento de Educação e de Valorização dos Profissionais da Educação

GPS – Global Positioning System

IBGE – Instituto Brasileira de Geografia e Estatística

NIC.br - Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR

OCEM – Orientações Curriculares para o Ensino Médio

ONG – Organização Não-Governamental

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PIB – Produto Interno Bruto

PNE – Plano Nacional de Educação

TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação

UFMG – Universidade Federal de Campina Grande

UIT – União Internacional de Telecomunicações

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Proporção de usuários de internet por equipamentos usados para acessar a rede – TIC domicílios 2014.....	20
Gráfico 02: Proporção de usuários de internet por atividades realizadas mais citadas, segundo dispositivos utilizados – TIC domicílios 2014.	21
Gráfico 03: Percentual de alunos em cada faixa etária.....	38
Gráfico 04: Número de participantes para cada dispositivo citado em suas respostas	39
Gráfico 05: Percentual de alunos para cada alternativa da questão 5.....	41
Gráfico 06: Percentual de alunos em relação á frequência de acesso a internet.	43
Gráfico 07: Relação entre o número de alunos e as atividades por eles realizadas na internet	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS DA PESQUISA.....	4
O CONTEXTO DA PESQUISA	5
METODOLOGIA.....	6
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	7
1 POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS E AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO.....	10
1.1 As Tecnologias da Informação e Comunicação Integradas à Educação	12
1.2 A Internet como Espaço de Transformação	15
1.3 Inclusão Digital, Educação e o Acesso À Rede.....	16
1.4 A Internet como Ambiente de Realização de Atividades.....	19
2 HIPERTEXTO	23
2.1 Gênese e Concepções	23
2.2 A Evolução do Hipertexto	25
3 LEITURA: CONCEITOS E PRÁTICAS ESCOLARES	30
3.1 Estratégias de Leitura	33
3.2 Relação entre Texto e Leitor	35
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
6 REFERÊNCIAS	53
7 ANEXOS	56
Anexo A - Modelo do Questionário 1	57
Anexo B - Modelo do Questionário 2	59
Anexo C - Atividade de leitura utilizada na Aula 1 (texto impresso)	61
Anexo D - Atividade de leitura utilizada na Aula 2 (hipertexto)	62

INTRODUÇÃO

As novas Tecnologias da Informação e Comunicação, incluindo a rede mundial de computadores – Internet, vêm causando um grande impacto em diversas áreas da atuação pessoal e profissional dos sujeitos. A pesquisa TIC Domicílios 2014, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (2014), aponta um crescimento exponencial no uso da Internet para realização das mais variadas atividades humanas, desde um simples envio de e-mail até o pagamento das contas pessoais através do *Internet Banking*. Cabe ressaltar que a Internet faz parte do grande grupo de Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs que vem transformando as atividades e as práticas sociais em larga escala. Sabendo de todo esse uso intenso das tecnologias na sociedade, algumas questões contribuíram para o estudo realizado por esta pesquisa: Será que, efetivamente, a população brasileira está inserida no contexto digital? O modelo de escola contemporânea vem contribuindo para a integração entre estudantes e o espaço da Internet? O que significa incluir digitalmente um sujeito? E por último, mas não menos importante, as TICs podem contribuir para um ensino de Língua Inglesa mais efetivo?

Para Massi (2015), as TICs são vistas como uma nova forma de linguagem, sendo a Internet um exemplo de novo tipo de linguagem, com seus dados em *html*. A autora ainda diz que essa linguagem contemporânea contribui consideravelmente na sociedade atual, visto que tal linguagem possibilita “novos formatos de comunicação e interação social e novas formas de visualização e representação de esquemas abstratos que implicam novas formas de compreensão e desenvolvimento cognitivo” (MASSI, 2015, p.7).

Uma das áreas de atuação que têm tido suas práticas transformadas em consequência do advento das novas tecnologias é a área educacional. É possível observar a crescente presença de Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs nos ambientes escolares e de novas ferramentas tecnológicas digitais que permitem diferentes formas de interação entre o aprender e o ensinar. As instituições de ensino do Brasil estão, gradativamente, sendo contempladas com diversos programas do governo, tais como Banda Larga nas Escolas, Computadores para Inclusão, ProInfo Integrado, entre outros, que objetivam a inserção dos estudantes da rede pública na sociedade tecnológica, contribuindo para a democratização do espaço digital.

Diante desse cenário de informatização e modernização do ambiente escolar, muitos desafios são colocados frente aos alunos e professores. Desafios estes que vão desde a questão formativa dos docentes e discentes até as questões operacionais das próprias tecnologias utilizadas (MASSI, 2015).

Um dos desafios que podem ser contabilizados é esse processo de implantação das Tecnologias da Informação e Comunicação nos ambientes escolares, mencionados no parágrafo anterior: muitas vezes, aplicativos e softwares para os dispositivos tecnológicos usados no ambiente escolar são desenvolvidos por profissionais que desconhecem o contexto real de educação e as particularidades de educadores e educandos. Nesse sentido, Kenski afirma que

Realizados por técnicos que, em geral, não entendem de educação, estes programas são impostos pelas escolas e empresas como potencialmente revolucionadores do ensino. Intimidados, os professores que desconhecem os fundamentos da técnica não são ouvidos em suas queixas e se submetem aos técnicos e aos programas de baixa qualidade educativa por eles produzidos (KENSKI, 1999, p.50).

A autora vem sinalizar um problema muito frequente que pode ser responsável pela utilização inadequada desses programas, e pela possibilidade de desmotivação do uso das tecnologias por alunos e professores. Além desses, no âmbito educacional existe um número considerável de indagações acerca do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação nas novas propostas didáticas e pedagógicas: a escola está preparada para a implementação das TICs no ambiente escolar? O uso das TICs contribui efetivamente para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem? Como inserir as TICs nas práticas educacionais de cada componente curricular? Perguntas como essas podem surgir ao trazermos para a discussão a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação no contexto didático-pedagógico.

Diante dos questionamentos sobre as potencialidades do uso das TICs no âmbito educacional, quis investigar em minha prática docente, engajado no ensino de Língua Inglesa como componente curricular na educação formal, se o uso de novas tecnologias poderia contribuir para novos meios de trabalharmos o ensino de uma Língua Estrangeira dentro de um currículo escolar cada vez mais caracterizado pela demanda de inovação tecnológica. Assim, ao associar os problemas já inerentes ao ensino da língua estrangeira à problemática do uso de novas tecnologias no âmbito escolar, constatei a necessidade da realização de um estudo aprofundado acerca das possibilidades de utilização desses recursos inovadores nas aulas de Língua Inglesa no Ensino Técnico, *locus* de minha prática docente, mais especificamente com a prática da leitura de uma língua estrangeira em ambientes conectados à rede mundial de computadores.

O estudo de uma língua estrangeira vem se potencializando nos currículos institucionais e ganhando maior prestígio entre os estudantes, principalmente por conta do crescimento dos programas governamentais de bolsas de estudos em países falantes do Inglês, que vinha acontecendo até a interrupção da gestão por um processo de *impeachment*. O Ciência Sem Fronteiras, iniciado no ano de 2011 pelo governo federal de então, foi um desses programas, que buscou promover a inserção internacional das instituições brasileiras pela abertura de oportunidades semelhantes para cientistas e estudantes estrangeiros (BRASIL, 2017). Entretanto, vale ressaltar que a abrangência do programa vem sendo reduzida nos últimos dois anos. Paralelamente a esses fatos, a Língua Inglesa – como componente curricular, ainda que paulatinamente, vem se reformulando no que diz respeito às práticas docentes, às readequações do currículo escolar e às novas abordagens e métodos de ensino-aprendizagem da disciplina.

A prática da leitura em língua estrangeira tem sido o foco principal nas aulas de língua estrangeira há muito tempo e, desde a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998) ficou institucionalizada como habilidade linguística mais focada. Embora as Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCEM (2006) tenham ampliado o foco educacional e a abrangência de habilidades a serem trabalhadas em sala de aula, a leitura de textos verbais ainda é a prática mais comum nas salas de aula de língua estrangeira.

Contudo, mesmo tendo seu foco no texto chamado verbal, não se pode afirmar que a prática docente vai ter o mesmo perfil de alguns anos atrás, visto que o texto verbal tomou uma nova aparência devido ao uso constante das novas tecnologias para a produção textual. Nessa sequência de modificações na estética textual, o hipertexto, que já entrara para o cotidiano dos sujeitos interactantes comunicativos, acabou sendo inserido, mesmo que sutilmente, às práticas escolares de leitura.

Existe hoje uma discussão entre estudiosos quanto à definição de hipertexto e sua distinção do conceito de texto. Para alguns autores, como por exemplo, Coscarelli (2006), o texto e o hipertexto não apresentam quaisquer diferenças. A autora afirma que não existem quaisquer diferenças entre a leitura de um texto impresso e a leitura de hipertexto em um ambiente virtual. Por outro lado, Levy (1995) e Xavier (2003) afirmam existirem diferenças entre um texto e um hipertexto. Para Levy (1995) o hipertexto é um conjunto de nós ligados

por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem, eles mesmos, ser hipertextos. Levy (1995) também diz que o hipertexto se organiza em um modo "fractal", ou seja, qualquer nó ou conexão, quando analisado, pode revelar-se como sendo composto por toda uma rede.

Nesse mesmo sentido, Snyder (1997 apud XAVIER, 2003) diz que o hipertexto “é um meio de informação que existe apenas on-line num computador. É uma estrutura composta de blocos de textos conectados por nexos, link eletrônicos, que oferecem diferentes caminhos para os usuários” (SNYDER, 1997, p.146, apud XAVIER, 2003, p.25).

Ante a esse novo contexto, e com essas perspectivas divergentes, quis buscar entender o processo de leitura de textos impressos e hipertextos e sua relação com as [possíveis] novas estratégias de leitura utilizadas por estudantes do Ensino Técnico na construção de sentidos. Para tanto, parti para investigar as práticas leitoras dos alunos do Curso Técnico em Enfermagem, levando em consideração a Base Nacional Comum Curricular (2016) – BNCC, documento oficial, ainda provisório neste momento, que versa sobre o ensino de Língua Adicional na perspectiva comum do uso da língua em práticas sociais e que opta pelo texto (escuta, leitura, oralidade e escrita) como central para a construção dos objetivos de aprendizagem. Assim, algumas indagações embasaram a essência desta pesquisa:

- 1) Que relações os estudantes do Ensino Técnico em Enfermagem da Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras estabelecem com as Tecnologias da Informação e Comunicação para suas práticas sociais?
- 2) No que diz respeito à prática de leitura, existem diferenças (e/ou semelhanças) nas leituras em Língua Inglesa que esses alunos realizam em textos impressos e em textos digitais, considerados como hipertextos?
- 3) De quais estratégias de leitura os estudantes lançam mão para produzirem sentido nos textos impressos e nos hipertextos?

No intuito de esclarecer a designação que a palavra texto apresenta dentro desta pesquisa, destacamos que, para fins de melhor compreensão na leitura do texto desta dissertação, ao utilizar o termo *texto*, estamos nos referindo ao texto impresso; e ao utilizar o termo *hipertexto*, estamos nos referindo ao texto que se apresenta em ambientes hipermidiáticos.

JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS DA PESQUISA

Nas últimas décadas, o número de pesquisas relacionadas à área da Educação vem se amplificando cada vez mais, inclusive os estudos referentes ao processo de ensino-aprendizagem da disciplina de Língua Inglesa. Essas pesquisas perpassam diferentes vieses, tais como as questões acerca de novas abordagens e metodologias de ensino de uma Língua Estrangeira, novas tecnologias inseridas nas práticas pedagógicas da disciplina de Língua Inglesa, entre outras. Embora os estudos alusivos ao processo de ensino-aprendizagem do Inglês sejam bem abrangentes e rizomáticos, optei por me aproximar de uma investigação sobre o tema leitura e suas perspectivas nas aulas de Língua Inglesa. A escolha do tema partiu do interesse em compreender melhor o processo de leitura, visto que na Educação Técnico-Profissional a prática de Ensino de Língua Inglesa é, usualmente, delineada para desenvolvimento da habilidade de compreensão de textos na referida língua. Ademais, o egresso da educação técnico-profissional vai, muito provavelmente, ter necessidade de relativo desenvolvimento da habilidade de leitura em língua inglesa, mesmo que esporadicamente em suas práticas sociais e profissionais.

Nesse sentido, esta investigação apresenta duas vertentes que contemplam sua justificativa: a primeira relaciona-se à emergência das TIC no processo de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa, exigindo dos docentes e discentes novas perspectivas educacionais, tais como reestruturação do programa institucional, (re)adequação do ambiente escolar, informatização do espaço físico, disponibilização de recursos tecnológicos e modificações no currículo disciplinar; e a segunda vertente configurando-se na interação entre texto e leitor no processo de construção de sentido na leitura de hipertexto e de textos impressos.

Assim, esta pesquisa objetiva investigar de que forma os alunos do Curso Técnico em Enfermagem da Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras se comportam como leitores, produzindo sentidos em textos e em hipertextos, uma vez que os estudantes do curso apresentam-se constantemente em contato com diversas faces da leitura. Quis investigar as semelhanças, diferenças, divergências e convergências das estratégias de leitura de que os alunos lançam mão para construir significado em suas práticas leitoras. Nesse sentido, procurei traçar um paralelo entre o uso de estratégias de leitura na construção de sentidos em ambientes hipermidiáticos, e em textos convencionais impressos, se for esse o caso entre meus sujeitos de pesquisa.

Um objetivo subjacente, nesta investigação, é o de potencializar, desta forma, as discussões teórico-práticas sobre inclusão digital e ensino de línguas no interior do país, mais especificamente no alto sertão da Paraíba, interior paraibano.

O CONTEXTO DA PESQUISA

Esta pesquisa apresenta em seu contexto a Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras – ETSC, da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG como o *locus* de investigação, mais precisamente o Curso Técnico em Enfermagem, na modalidade subsequente. A escolha dos estudantes sujeitos desta pesquisa se deu por ser o curso em que leciono a disciplina Língua Inglesa. Como docente do curso, procurei analisar as práticas leitoras dos alunos que cursam a disciplina Inglês Instrumental, para que, posteriormente, o estudo pudesse contribuir para melhorias nas práticas docentes desta disciplina do curso, ou ainda, para demais cursos que apresentem em seu currículo outras matérias relacionadas ao uso do hipertexto como recurso pedagógico.

Além disso, o Curso Técnico em Enfermagem dessa instituição é um dos pioneiros não somente na cidade, mas também, nos municípios limítrofes, destacando-se por sua qualidade de ensino. Há 45 anos, o Curso Técnico em Enfermagem da Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras vem trazendo um notável histórico no cenário profissional da cidade de Cajazeiras, localizada no alto sertão do estado da Paraíba, contribuindo para a formação profissional de cidadãos que objetivam seguir a carreira na área da saúde, atendendo à demanda das unidades sanitárias, postos de saúde, hospitais regionais entre outros segmentos.

Esta pesquisa busca contribuir para a formação de profissionais qualificados em sua área de atuação, uma vez que o ensino de Língua Inglesa balizado pelas práticas inovadoras e pelo uso das Tecnologias da Informação e Comunicação pode auxiliar na inserção desses futuros profissionais em um contexto global caracterizado no amplo intercâmbio de informações e nas inovações tecnológicas que surgem aceleradamente. Nesse sentido, o estudo do processo da leitura na disciplina de Língua Inglesa, especialmente no âmbito do Inglês Instrumental, pode auxiliar significativamente no desenvolvimento das práticas pedagógicas do curso, uma vez que o atual cenário da enfermagem encontra-se cada vez mais impactado pelas novas tecnologias e pelo processo da globalização, dessa forma, exigindo profissionais que tenham certo conhecimento de outras línguas e de outras culturas.

METODOLOGIA

Esta pesquisa apresenta a educação como principal campo investigativo, bem como, as práticas pedagógicas envolvendo a leitura nas aulas de Língua Inglesa do Curso Técnico em Enfermagem da ETSC. Este estudo, por estar inserido no campo social, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, uma vez que Gil (2008) afirma que “o cientista social lida com variáveis de difícil quantificação” (GIL, 2008, p.4). Para o autor, as questões sociais não podem ser observadas como fenômenos da natureza, pois em uma investigação no campo social, o pesquisador está em contato com seres que possuem diferentes sentimentos, ideias, contextos de vida, entre outras variáveis que podem afetar diretamente um determinado estudo. Do mesmo modo, Dorney (2007) afirma que a pesquisa qualitativa é emergente no sentido de que o design metodológico não é completamente fixado e fechado previamente, já que detalhes podem surgir e ser incorporados no processo de investigação. Isso significa dizer que a pesquisa qualitativa apresenta certa flexibilidade no que diz respeito à coleta de dados e, principalmente, na interpretação dos mesmos. Por todas as suas características e particularidades, a abordagem qualitativa foi a que melhor atendeu aos propósitos desta pesquisa. Vale ressaltar que apesar deste estudo apresentar informações numéricas, a quantificação dos dados coletados não é o foco de investigação para os propósitos desta pesquisa. A quantificação serve apenas como apoio interpretativo para entender a significação dos dados qualitativos.

Ademais, este estudo possui cunho descritivo. De acordo com Triviños (1987) “a pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade” (Triviños, 1987, p.112, apud Gerhardt e Silveira, 2009, p.35). Entretanto, durante as investigações deste estudo, percebi que os objetivos propostos pela pesquisa aproximavam-se do método exploratório de investigação. Gil (2008) afirma que algumas pesquisas descritivas vão além da simples descrição de um fenômeno, ocupando-se também em desenvolver e ou esclarecer a ocorrência do mesmo. Nesse sentido, partindo de todo contexto desta investigação, a metodologia escolhida permitiu à pesquisa a devida coleta e a interpretação dos dados, apoiando-se sempre no referencial teórico levantado neste estudo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada, inicialmente, com 25 estudantes do Módulo Básico do Curso Técnico em Enfermagem da Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras da Universidade Federal de Campina Grande, entre os meses de agosto e outubro de 2016. A escolha dos participantes da pesquisa deu-se pelo fato do pesquisador ter contato direto com os alunos visto que a aproximação do professor com grupo foi um fator facilitador no desenvolvimento das aulas e aplicação dos questionários.

Como instrumento de coleta de dados, utilizamos dois questionários, denominados *Questionário 1* e *Questionário 2*, ambos com questões abertas e fechadas. Ressalta-se que a ordem numérica dos questionários não representa a proeminência de um em relação a outro; logo, a ordem de aplicação seguiu os objetivos traçados e os procedimentos metodológicos adotados neste estudo.

No primeiro questionário, voltamos o foco da pesquisa para as relações que os estudantes do Curso Técnico em Enfermagem da Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras estabelecem com as Tecnologias da Informação e Comunicação; no segundo questionário, direcionamos os olhares de nossa investigação para o posicionamento dos alunos em relação à leitura em Língua Inglesa de textos impressos e de hipertexto, para analisarmos as semelhanças e divergências de ambas as práticas leitoras.

No intuito de melhor apresentarmos os resultados dos dados coletados, dividimos as discussões em dois momentos: um referente às informações colhidas no Questionário 1 e outro ao Questionário 2. Inicialmente, 25 estudantes do Módulo Básico do Curso Técnico em Enfermagem responderam ao primeiro questionário, mas somente 19 estudantes responderam ao segundo questionário.

Os dados obtidos pelo Questionário 1 possibilitaram contextualizar a familiarização dos estudantes do Curso Técnico em Enfermagem com as Tecnologias da Informação e Comunicação. Nesse sentido, esse primeiro questionário foi dividido em quatro seções, totalizando 8 questões. A primeira seção referiu-se à faixa etária dos participantes do estudo, constituída pela questão 1. A segunda seção ocupou-se com as percepções dos alunos em relação às Tecnologias da Informação e comunicação, sendo essa parte composta pelas questões 2, 3, 4, e 5. A terceira parte do questionário destinou sua atenção à utilização da Internet pelos estudantes, constituída pelas questões 6 e 7. O último espaço, ocupado pela questão 8, destacou a relação entre a formação técnico-profissional e as Tecnologias da Informação e Comunicação. As subdivisões do Questionário 1 bem como as questões que o compõem podem ser observadas detalhadamente a seguir:

Seção 1 – Faixa etária.

Questão 1. Qual é a sua faixa etária?

- () 17 a 21
- () 22 a 26
- () 27 a 31
- () acima de 31

Seção 2 – Percepção dos estudantes em relação às Tecnologias da Informação e Comunicação.

Questão 2. Você se considera um sujeito inserido tecnologicamente no atual cenário da sociedade moderna?

Questão 3. Em relação ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC, quais dispositivos você utiliza com maior frequência em seu cotidiano?

Questão 4. Em sua opinião, quais são as vantagens e/ou desvantagens da utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação na vida cotidiana?

Questão 5. Você percebe no seu curso a inserção de novas tecnologias no processo de formação profissional dos estudantes?

Seção 3 – Utilização do ambiente on-line.

Questão 6. Em relação à Internet, com que frequência você acessa esse ambiente?

Questão 7. Caso, de alguma maneira você acesse a Internet, assinale com um X suas atividades realizadas nesse ambiente.

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> enviar e receber email | <input type="checkbox"/> ler notícias em sites, blogs, revistas e jornais |
| <input type="checkbox"/> fazer compras | <input type="checkbox"/> realizar vídeo conferências |
| <input type="checkbox"/> pagar contas | <input type="checkbox"/> acessar às redes sociais |
| <input type="checkbox"/> assistir vídeos | <input type="checkbox"/> outras: _____ |

Seção 4 – Formação Técnico-profissional e as Tecnologias da Informação e Comunicação.

Questão 8. Você considera o uso das novas tecnologias fundamental para sua formação técnico-profissional?

Vale ressaltar que as questões apresentadas anteriormente podem ser mais bem visualizadas na versão original do questionário anexo ao texto.

Para tratar os dados, dividimos o trabalho em três etapas: inicialmente, a aplicação do Questionário 1, de cunho diagnóstico, com a finalidade de investigarmos o grau de intimidade dos alunos com as Tecnologias da Informação e Comunicação, mais precisamente em relação ao uso de computadores e ao acesso a Internet. A aplicação desse primeiro questionário representou uma importante parte da pesquisa, visto que a partir do conhecimento do contexto digital em que os participantes da pesquisa encontram-se inseridos, é possível compreender melhor suas práticas cotidianas frente às novas ferramentas tecnológicas.

Em seguida os estudantes foram submetidos a duas aulas envolvendo estratégias de leitura. O tema escolhido para essas aulas foi “A importância da amamentação”. O tema gerador das aulas foi escolhido levando em consideração por estarem os estudantes do curso diretamente ligados às questões de saúde e bem estar das pessoas e pela importância que o leite materno tem nos primeiros anos de vida de uma criança. Os dois encontros tiveram duração de 120 minutos cada. Nesta fase da pesquisa, somente 19 alunos participaram da atividade. A redução do número de alunos nas aulas ocorreu pelo fato de que alguns alunos habitam em cidades vizinhas, e no dia da realização das aulas, os seis sujeitos ausentes não tiveram transporte escolar para a universidade.

Na primeira aula discutimos sobre a relevância do leite materno para o desenvolvimento das crianças. Ao final das discussões, os estudantes realizaram a interpretação de um texto impresso sobre os fatores que podem afetar a amamentação, texto este que pode ser visto no Anexo C desta dissertação. Na segunda aula, debatemos sobre a comercialização do leite materno nos Estados Unidos da América. O assunto abordado foi

definido levando em consideração os pontos positivos e negativos da comercialização do leite materno na *Internet*. Os Estados Unidos apresentam, hoje, um intenso comércio de leite materno no espaço da *web*. Em seguida, os alunos foram levados ao laboratório de informática para a leitura de um texto online, na tela de um computador, caracterizando, segundo Levy (1995) e Xavier (2003), a leitura de hipertexto.

Após a realização de ambas as aulas e da interpretação do texto impresso e do hipertexto, o Questionário 02 foi aplicado aos 19 (dezenove) estudantes que participaram das aulas.

O Questionário 02 foi dividido em três seções: a primeira seção composta pelas questões 1 e 2; a segunda, pelas questões 3, 4, 5 e 6; e a terceira, pela questão 7. A primeira seção ocupou-se em investigar a relação entre os estudantes e o hipertexto, conforme pode ser observado a seguir.

Questão 1. Você conhecia a leitura de hipertextos antes da realização da atividade no laboratório de informática? Caso SIM, em que situação você lê hipertextos?

Questão 2. Em suas práticas leitoras cotidianas, você prefere utilizar textos impressos ou hipertextos? Por quê?

Na seção 2, buscamos analisar as estratégias de leitura em textos impressos e hipertexto, como pode ser visto abaixo:

Questão 3. Em sua opinião, existem diferenças entre a leitura em Língua Inglesa de textos impressos e de hipertextos? Quais são elas? E semelhanças? Você poderia apontar algumas?

Questão 4. Quais estratégias você utilizou na leitura para compreender o texto em Língua Inglesa proposto no papel? E no hipertexto?

Questão 5. Os elementos textuais o auxiliaram na leitura do texto impresso em Língua Inglesa? E no hipertexto? Caso SIM, quais?

Questão 6. Existiram dificuldades diferentes para ler o texto impresso e/ou o hipertexto? Caso SIM, quais?

A seção 3 procurou investigar a relevância do hipertexto para o Curso Técnico em Enfermagem da Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras:

Questão 7. Você acredita que a leitura de hipertextos possa ser relevante para o seu curso técnico? Justifique sua afirmação.

A aplicação do Questionário 2 constitui a terceira etapa da coleta de dados com a finalidade de se investigar o posicionamento dos alunos em relação a leitura em textos impressos e hipertexto, para analisarmos as semelhanças e divergências de ambas as práticas leitoras com base no referencial teórico desta pesquisa.

1 POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS E AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Nos últimos anos, o Governo Federal juntamente com os Estados, o Distrito Federal e Municípios vinham¹ criando metas, programas e planos educacionais que objetivam a melhoria da qualidade da educação pública. No intuito de propor uma reforma para a educação pública, em 1996 foi criado o Plano Nacional de Educação - PNE que começou a vigorar no ano de 2001. O PNE foi apresentado e aprovado na forma da Lei 10.172 de 9 de janeiro de 2001. O artigo 2º da Lei diz que a partir da vigência do Plano Nacional de Educação, os Estados, o Distrito Federal, e os Municípios devem, com base no PNE, elaborar planos decenais correspondentes. Nesse sentido, as políticas públicas para melhoria do ensino público propunham uma ação contínua e que não tivesse um caráter estático ou inerte às mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais às quais a educação encontra-se diretamente ligada. O Plano Nacional de Educação - decênio 2001-2010, em síntese, tem como principais objetivos a elevação global do nível de escolaridade da população, a melhoria da qualidade do ensino em todos os níveis, a redução das desigualdades sociais e regionais no tocante ao acesso e à permanência, com sucesso, na educação pública e democratização da gestão do ensino público, nos estabelecimentos oficiais, obedecendo aos princípios da participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola e da participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

O PNE 2001-2010 incluía na forma de lei a avaliação do plano através de um espaço democrático criado pelo Poder Público para discutir os novos rumos da Educação do país. Desta forma, foi criado o Fórum Nacional de Educação – FNE que representava um espaço inédito de interlocução entre a sociedade civil e o Estado brasileiro e reivindicação histórica da comunidade educacional. O FNE é o resultado da Conferência Nacional de Educação – CONAE, que também representa um ambiente para que todos possam participar do desenvolvimento da Educação Nacional. A primeira edição da CONAE ocorreu em Brasília entre os dias 28 de março e 1º de abril do ano de 2010. A segunda edição da CONAE ocorreu entre os dias 19 e 23 de novembro de 2014, em Brasília. Em ambas as edições da conferência, o tema central discutido foi o Plano Nacional de Educação.

Com novas diretrizes, metas e objetivos, a Educação brasileira vem passando por inúmeras reformas que contam com programas nos âmbitos federais e estaduais, tais como o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, o Mais Educação, o Ensino Médio Inovador, entre outros que representam diferentes passos para garantir o acesso à educação, ao ensino de qualidade e à permanência na escola. Vale destacar que o atual governo federal aprovou no mês de fevereiro deste ano o Novo Ensino Médio, que representa uma mudança na estrutura do sistema do ensino médio outrora vigente. Esta proposta vem recebendo variadas críticas, positivas e negativas, sendo dominantes os aspectos desfavoráveis à nova proposta. Além disso, esses programas demonstram um considerável aumento de investimentos na educação pública. Informações divulgadas pelo Portal do Ministério da Educação, na meta 1 do objetivo 0598, afirmam que a evolução do investimento público total em Educação em relação ao Produto Interno Bruto - PIB de 4,7% em 2000 para 6,4% do PIB em 2012 resultou basicamente de alterações na forma de financiamento da educação negociadas entre o Poder Executivo, o Legislativo e a sociedade, principalmente pela introdução do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB a partir de 2007, e pela eliminação

¹ Vinham, no sentido de que, com as atuais reformas educacionais e políticas do Brasil, aliadas com a instabilidade econômica que o país vem sofrendo, essas propostas e planos para a educação brasileira podem tornar-se comprometidos ou até mesmo erradicados.

progressiva da Desvinculação das Receitas da União- DRU para a educação entre 2009 e 2011.

O segundo decênio do Plano Nacional de Educação prevê que até 2020 o Brasil aplique 10% do PIB na educação do país. Esse aumento de investimento de 6 % em 20 anos reforça a idéia de que as políticas públicas educacionais estão buscando novas formas de financiamento para ofertar ensino de qualidade desde a pré-escola até a pós-graduação, embora esse cenário possa ser afetado com as atuais conjunturas políticas do país. Entretanto, é sabido que o caminho para alcançar as metas planejadas ainda é muito longo e cheio de obstáculos. Apesar de toda a reestruturação educacional que o país veio realizando nas últimas décadas, ainda é possível encontrar certas mazelas. Nesse sentido, a realidade da escola brasileira ainda sofre com algumas penúrias que, mesmo com todo o investimento, continuam assombrando as instituições públicas de ensino do país.

Neste conflito antagônico entre os novos rumos de desenvolvimento da educação brasileira e seus entraves, destacam-se certas ações que vêm contribuindo significativamente para a melhoria do ensino público, dentre as quais se pode citar a aplicação de recursos públicos com a finalidade de equipar os espaços escolares com novas tecnologias que podem auxiliar professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem. São vários os programas governamentais que lançam mão destas estratégias de aquisição e implantação das chamadas de Tecnologias da Informação e Comunicação -TICs no desenvolvimento de competências e habilidades de discentes e, certamente, docentes. Os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs afirmam que

O desenvolvimento das tecnologias da informação permite que a aprendizagem ocorra em diferentes lugares e por diferentes meios. Portanto, cada vez mais as capacidades para criar, inovar, imaginar, questionar, encontrar soluções e tomar decisões com autonomia assumem importância. A escola tem um importante papel a desempenhar ao contribuir para a formação de indivíduos ativos e agentes criadores de novas formas culturais (BRASIL,1998, p.140).

Apesar de muitas vezes os PCNs tratarem as tecnologias como sendo apenas de caráter informativo ou comunicativo, o documento retrata as primeiras TICs como um aporte de ferramentas de que mestres e alunos poderiam lançar mão para que o processo de ensino-aprendizagem estivesse diretamente conexo ao novo contexto de modernização dos espaços sociais. Nesse sentido, observa-se que os Parâmetros Curriculares Nacionais começam a utilizar tecnologias da informação para criar ferramentas de comunicação que possam produzir conhecimento de diversas maneiras. De acordo com os PCNs,

A utilização de produtos do mercado da informação, revistas, jornais, livros, CD-ROM, programas de rádio e televisão, home-pages, sites, correio eletrônico, além de possibilitar novas formas de comunicação, gera novas formas de produzir o conhecimento (BRASIL,1998, p.135).

Percebe-se ainda, que os produtos do mercado da informação acompanham as tendências de modernização e digitalização dos ambientes midiáticos. O uso de algumas ferramentas destacadas no excerto anterior apresenta maior ocorrência de uso que outras, principalmente, no que diz respeito a livros, revistas e jornais, já que muitas escolas, mesmo com a existência de programas que assistem à modernização das instituições públicas de ensino, ainda dependem de maiores investimentos para a compra e manutenção destas novas tecnologias. Entretanto, é comum tratar as Tecnologias da Informação e Comunicação como ferramentas digitais supermodernas deixando de lado certos instrumentos que poderiam contribuir significativamente com modernização do processo de ensino-aprendizagem, tais

como Televisão, *CDs e CD player, DVD e DVD player*, entre outros. É importante dizer que esses aparatos são de essencial importância para o desenvolvimento das quatro habilidades da Língua Inglesa, principalmente o *Listening*, que representa a habilidade de escuta e compreensão do referido idioma. Não seria interessante, tampouco atual, a utilização sem uma finalidade pedagógica definida de tecnologias ou recursos oriundos da web no cotidiano escolar. O processo de modernização do ensino requer uma longa e vagarosa jornada epistemológica. Os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam que

Há alguns anos não existia a possibilidade de comunicação on-line entre pessoas fisicamente distantes, nem de compartilhar imagens instantaneamente em vários lugares do mundo, assim como não era possível conceber que uma pessoa pudesse aprender tendo como interlocutor uma máquina, como é o caso da aprendizagem intermediada pelo computador (BRASIL,1998, p.135).

Não é de hoje que se podem encontrar escolas que fazem uso de ferramentas tecnológicas em suas práticas educacionais, seja construindo laboratórios com maquinários modernos, distribuindo aos alunos e professores aparelhos eletrônicos, disponibilizando a web como espaço de estudo ou, simplesmente disponibilizando livros com *CDs e CD-ROMs*, que também podem ser considerados elementos tecnológicos. A Base Nacional Comum Curricular – BNCC, um documento norteador do ensino no Brasil, mas ainda em fase de construção colaborativa, diz que “numa perspectiva crítica, as Tecnologias da Informação e Comunicação são instrumentos de mediação da aprendizagem e as escolas, especialmente os professores, devem contribuir para que o estudante aprenda a obter, transmitir, analisar e selecionar informações” (BRASIL, 2016, p.50). Torna-se valioso lembrar que a versão final da BNCC foi entregue no mês de abril do corrente ano ao Conselho Nacional de Educação, isto é, dois anos após o I Seminário Interinstitucional para a elaboração dessa base, que contou com a participação de uma Comissão de Especialistas, designados pela Portaria 592, para a elaboração de proposta da BNCC (BRASIL, 2017). Assim, constata-se certo delongamento sobre o curso da matéria em questão, fato que pode comprometer a proposta já que as mudanças da atual sociedade são cada vez mais rápidas e intensas.

Quanto ao uso das TICs no contexto educacional, mais precisamente na área de Linguagens e Códigos, a BNCC caracteriza-o como uma forma de “utilizar tecnologias digitais, mobilizando seus recursos expressivos para participar em diferentes campos de atuação e compreendendo seu papel na produção de sentidos em diferentes linguagens” (BRASIL, 2016, p.327). Isso significa que tanto no ensino da Língua Portuguesa quanto de uma Língua Estrangeira, a utilização das TICs nas práticas pedagógicas de cada disciplina pode contribuir para uma melhor compreensão das línguas em questão. Além disso, com o advento da Internet e seus recursos, o acesso aos diferentes tipos de linguagens, tornou-se ainda mais intenso, já que através da grande rede mundial de computadores, os estudantes podem manter contatos com diferentes tipos de manifestações linguísticas e também podem interagir entre si, trocando informações e conhecimentos sobre uma determinada língua e sua cultura.

Assim, o que precisa ser pensado é de que maneira uma determinada instituição pode desenvolver um currículo que contemple o uso destas tecnologias e que as potencialize no sentido de propiciar ao público escolar um ensino significativo, autêntico e conectado às inúmeras mudanças que o planeta vem sofrendo.

1.1 As Tecnologias da Informação e Comunicação Integradas à Educação

Os avanços tecnológicos vêm contribuindo significativamente para o processo de modernização de muitos setores econômicos. No campo, é notório o uso de ferramentas e novas tecnologias integradas à produção vegetal e animal, sendo cada vez mais comum o uso de dispositivos e aplicativos para o auxílio das tarefas diárias do campo. *Global Positioning System - GPS, Excel, online shopping e BovControl* tornaram-se expressões corriqueiras em prosas e conversas sobre a vida no campo. Não tem sido diferente na construção civil, área em que se observa crescente integração das tecnologias às tarefas humanas, seja no uso do *AutoCad* por engenheiros e técnicos ou pelas máquinas computadorizadas que auxiliam mestres de obras na aplicação de cerâmicas e revestimentos. Assim, seria impossível imaginar a Educação fora desse contexto tecnológico, uma vez que outras áreas, profissões e tarefas apresentam um espaço de aprendizagem conectado às mudanças e aos novos ventos de modernização.

Paiva (2012) ressalta que

Apesar da resistência natural às inovações, parece que as ferramentas digitais têm sido progressivamente incorporadas em diferentes tipos de contextos de aprendizagem: a partir de face-a-face a contextos de aprendizagem combinada ou on-line. Os próprios estudantes estão autonomamente aproveitando uma série de ferramentas gratuitas para desenvolver as suas competências linguísticas (PAIVA, 2012 p.15).

As ferramentas digitais são, frequentemente, encontradas em espaços na grande rede mundial de computadores, isto é, o acesso a sítios *online* e plataformas virtuais de aprendizagem pode ser executado com maior agilidade, facilidade e interatividade. Historicamente, o que se vê é que os grandes processos revolucionários vieram acompanhados de fortes resistências em suas fases iniciais, uma vez que o ser humano é constituído de próprios ideais e princípios, e muitas vezes, quer manter suas tradições, filosofias e discursos já estabelecidos e legitimados pela coletividade. Por exemplo, a invasão das máquinas no auge da revolução industrial provocou anseios e desespero na sociedade, visto que o trabalho humano começou a ser substituído e realizado por equipamentos mecânicos tão eficientes quanto à labuta de um operário. A Educação também vem sofrendo consideráveis mudanças no âmbito das ferramentas tecnológicas, ou seja, o retrato da escola brasileira vem se modificando de acordo com o surgimento de novos avanços tecnológicos. Pela minha experiência docente, vejo que as políticas públicas voltadas para a promoção de um ensino de qualidade estão, progressivamente, equipando digitalmente escolas; por exemplo, em certas, ainda que nem todas, instituições públicas federais, estaduais e municipais, as carteiras escolares começam a ganhar modernos acessórios computacionais, como desktops de alta *performance*, *laptops* e *tablets* de última geração, conectados à Internet. Observando o padrão de qualidade, essas mudanças no cenário educacional poderiam representar a solução para os principais problemas didáticos e pedagógicos que afetam instituições públicas e privadas de ensino. Todavia, os desafios da implantação tecnológica caminham paralelamente aos benefícios que a modernização do espaço escola pode oferecer. Vergnano-Junger afirma que

Toda essa realidade, a qual não podemos ignorar, gera com frequência sentimentos e atitudes contraditórios, coexistindo extremos de repúdio com aqueles de atitudes ufanistas. No que se refere à educação, não é raro encontrar opiniões sobre como a escola e os professores estão arcaicos nesse novo contexto e como é possível ter acesso a mais informação fora do sistema escolar. (VERGANO-JUNGER, 2011, p.107)

Grandes transformações tecnológicas necessitam da boa preparação dos participantes ativos no processo educacional, pois tanto professor quanto aluno precisam conhecer as ferramentas tecnológicas, bem como seu uso e suas funções, para que ambos assumam o papel de autores do processo de modernização do ensino-aprendizagem. Entretanto, há professores que ainda resistem ao uso das TICs, seja por não saber utilizar estas tecnologias, ou ainda por sentir-se mais seguros e confortáveis em suas práticas convencionais. Vale dizer que, a relação professor-aluno, nesse sentido, pode favorecer a troca de experiências no uso destas novas tecnologias, já que o professor pode aprender com seus alunos a como utilizar devidamente tais dispositivos e ferramentas, fato que pode reduzir esta iminente resistência às TICs. Baladelli et al enfatizam que

A nova dinâmica regida pelas tecnologias impulsiona o surgimento de novos paradigmas tanto de ensino quanto de aprendizagem. Dessa forma, a adequação da educação às novas tendências trazidas pela sociedade da informação e do conhecimento, bem como a formação e o papel do professor do século XXI, também tendem a serem postos à prova, isso porque, no presente contexto, a informação e o conhecimento ganham destaque tanto política quanto socialmente (BALADELLI et al.2012, p.2).

Assim, tanto o professor quanto o aluno passam a ser protagonistas desse novo contexto escolar, ou seja, as Tecnologias da Informação e Comunicação podem potencializar as práticas de ensino-aprendizagem, seja no acesso a contextos reais da rede mundial de computadores ou ainda no intercâmbio de informações entre os usuários desse espaço virtual. Dessa forma, o professor necessita aprimorar suas habilidades tecnológicas ao passo que equipamentos e softwares são colocados à sua disposição como suporte didático-pedagógico. A preparação docente para a utilização de novos aparatos tecnológicos deve, então, fazer parte do planejamento pedagógico para o desenvolvimento de um ambiente que possa beneficiar o processo de ensino-aprendizagem. Contudo, a atualização pessoal do corpo docente de uma instituição de ensino parece não ser uma tarefa tão simples quanto o processo de aquisição e implantação dessas novas tecnologias.

Muitos professores ainda resistem à utilização de ferramentas digitais em suas práticas docentes, sendo que parte dos professores sente-se excluída digitalmente por falta do domínio das novas tecnologias, seus programas e conexões. Outrossim, por falta de constante manutenção das máquinas, suporte técnico ou atualização de softwares, algumas escolas encontram dificuldades em manter funcionando seus laboratórios equipados com modernos instrumentos computacionais, já que, muitas vezes, possuem os equipamentos mas não podem utilizar-se deles.

Nesse sentido, o aluno, parte focal do processo de ensino-aprendizagem, também possui grandiosa função como colaborador no ambiente digital que começa a despontar nas escolas brasileiras. Estudantes passam a incorporar a realidade digital em suas práticas discentes, por exemplo, desenvolvendo projetos, realizando suas atividades em ambientes virtuais, participando de grupos de estudos e pesquisas ou conectando-se mundialmente à grande rede de computadores, possibilitando a troca de saberes e experiências. Essas atividades são, usualmente, realizadas em laboratórios de informática, quando esses espaços encontram-se em condições de funcionamento, ou seja, com computadores e internet operando adequadamente. Certas vezes, essas tarefas são realizadas domesticamente, já que, alguns alunos possuem em suas residências os equipamentos adequados e internet de qualidade.

Valle (2013) aponta que as novas tecnologias nas escolas causam impacto não apenas pela presença física do equipamento, mas devido, também, ao fato de sua influência afetar

diversas outras variáveis, como a formação de professores, a criação de currículos compatíveis com os novos recursos, a administração escolar e as relações entre famílias e escola. A apropriação das novas tecnologias representa mais do que a simples existência material de computadores e Internet em um laboratório. Implementar as novas Tecnologias da Informação e Comunicação na atual configuração do espaço escolar é uma tarefa árdua e processual, entretanto tangível. Desta forma, o padrão de Currículo encontrado nas instituições de ensino inicia sua metamorfose a partir da “invasão” tecnológica nas escolas brasileiras, fato este que possibilita diferentes maneiras de pensar em um processo de ensino-aprendizagem mais efetivo e profícuo.

1.2 A Internet como Espaço de Transformação

Observando a contemporaneidade das atividades sociais, políticas e econômicas da humanidade, é difícil pensar que essas tarefas poderiam ser realizadas sem o espaço dinâmico, ágil e interativo denominado *Internet*. Esse ambiente mundialmente conhecido e utilizado tem a capacidade de interligar pessoas ao redor do mundo, bem como efetuar trocas de dados e informações em alta velocidade, sem falar do intercâmbio de conhecimentos que consegue realizar. Com todas essas características, a *Internet* torna-se integrante dos afazeres da população. Trocar emails, acessar redes sociais, ler livros, assistir a filmes e séries, realizar compras e ainda pagar as contas do fim do mês são ações que pertencem ao cotidiano da grande parte dos sujeitos conectados à rede mundial de computadores. Todavia, o processo de modernização das atividades humanas com o uso de computadores não ocorreu há muito tempo. Abreu diz que

Iniciada em décadas anteriores (final da de 1960 e início da de 1970), a chamada Revolução Digital se intensificou a partir da comercialização da Internet em meados dos anos 1990 provocando significativas mudanças nas mais diversas atividades humanas. Incrementou as alterações iniciadas pela difusão dos computadores nos processos produtivos, no mercado de trabalho, nas empresas e organizações, na produção cultural, nas relações sociais (ABREU, 2006, p.193).

A Revolução Digital ganhou largas proporções a partir do uso da *Internet* que há menos de trinta anos vem se expandindo e modificando as mais diversas atividades, desde setores da economia até a exportação cultural. Sendo assim, atualmente, é possível negociar ações nas bolsas de valores em poucos segundos ou ainda divulgar músicas, filmes, livros, entre outros, através de web sites, contas de correio eletrônico, ou ainda, realizar todas essas ações por meio das redes sociais.

No Brasil, o uso da Internet vem crescendo exponencialmente nos últimos anos, visto que uma parcela dos lares brasileiros possui computadores, *tablets* ou celulares com acesso a rede mundial de computadores. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE aponta que no ano de 2013, metade da população brasileira teve acesso à *Internet*, seja por computadores ou telefones celulares. A Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios – PNAD de 2013 revela que a parcela da população que teve acesso à *Internet* foi de 49,4% do contingente total - um valor expressivo, mas que poderia ter maior proporção. Tal fato pode estar relacionado com o barateamento dos planos de Internet no Brasil, com o aumento do número de provedores no país, com a oferta de conexão gratuita em locais públicos, ou ainda, o acesso à *Internet* pode ter íntima ligação com a forma com que o acesso à rede vem se estabelecendo. Com a conexão sem fio, ficou ainda mais fácil compartilhar um ponto de conexão à rede com uma ou mais pessoas ao mesmo tempo, diminuindo valores no final do mês com a conta da operadora que fornece o acesso.

O termo “entrar na *Internet*” nunca foi tão falado como nos dias atuais. Acessar a rede mundial de computadores parece constituir uma obrigação diária da população. Logo, com tantas formas de conhecimento e informações dentro desse universo, com um número astronômico de pessoas gerenciando esses dados, surge a necessidade de monitoramento desse espaço grandioso. No Brasil, uma das instituições responsáveis pela supervisão do espaço virtual brasileiro é o Núcleo de Informação e Coordenação do ponto BR-NIC.br, que foi criado para implementar as decisões e os projetos do Comitê Gestor da Internet no Brasil-CGI.br, que é responsável por coordenar e integrar as iniciativas e serviços da *Internet* no País, promovendo a qualidade técnica, a inovação e a disseminação dos serviços ofertados. Isso significa que a governança da internet no Brasil tem no NIC.br a participação das diferentes representações da sociedade, incluindo segmento acadêmico, empresários, terceiro setor e governo. O NIC.br vem realizando pesquisas objetivando a coleta de dados relativos ao uso da *web* em prol da melhoria do espaço virtual. Em uma pesquisa realizada em 2014, o Núcleo de Informação e Coordenação do ponto BR investigou a relação entre a Internet, seus modos de acesso e as atividades nela realizadas. Pesquisas do NIC.br apontam que a frequência de acesso a Internet vem crescendo nos últimos anos. Segundo as pesquisas de 2014, entre os usuários da rede, 80% a utilizam diariamente, um crescimento de 27% pontos percentuais na comparação com o ano de 2008. Além disso, as pesquisas demonstraram que o telefone celular é o dispositivo mais utilizado em todas as parcelas da população analisada. Nesse sentido, torna-se interessante observar que o uso do computador vem diminuindo em relação à conexão com a *Internet*. O surgimento de telefones celulares com alta tecnologia, por exemplo, os modelos *smartphones*, contribuem significativamente para essa nova realidade. Através desses modernos aparelhos, é possível ao mesmo tempo manter-se conectado à rede, fotografar, filmar, editar vídeos, criar documentos e ainda efetuar ligações.

1.3 Inclusão Digital, Educação e o Acesso À Rede

Alguns números sobre o acesso à *Internet*, destacados na seção anterior, apontam que grande parte da população tem contato com a grande rede, seja através de celulares e/ou computadores. Ainda assim, afirmar que a população brasileira está inserida em um contexto digital parece não ser tão fácil, pois é preciso pensar e levar em consideração o que realmente o termo inclusão digital representa nos dias atuais.

Inicialmente, destacamos a ideia de Cogo, Brignol e Fragoso (2015) sobre o termo inclusão digital. As autoras dizem que “o objetivo das iniciativas de inclusão digital tem sido, em via de regra, dar acesso à rede a grupos minoritários que, por conta própria, encontrariam enormes dificuldades em adquirir e utilizar as Tecnologias de Informação e Comunicação-TIC” (COGO; BRIGNOL; FRAGOSO, 2015, p. 160). As autoras ressaltam o caráter de generalização do termo inclusão e abordam a relação entre inclusão digital e acesso à rede. Além disso, o ato de se incluir digitalmente está intimamente ligado ao acesso de grupos minoritários à Internet. Essa visão apresentada nos remete à ideia de que oferecer Internet a um determinado grupo excluído do contexto digital significa incluí-los em uma sociedade circundada de altas tecnologias. Complementando o conceito inicial de inclusão, pode-se adicionar outras percepções sobre o termo. Sendo assim, como bem definem Tramontin e Borges, a Inclusão Digital é

(...) aquela situação em que as pessoas, numa dada sociedade, têm a possibilidade e capacidade efetivas de usar novos meios de comunicação eletrônicos disponíveis, e assim, obter através deles os serviços, informações conhecimentos e relações que promovam a inserção de múltiplas culturas na rede (TRAMONTIN; BORGES, 2007, p.168)

Dentro desse panorama da inclusão digital, pode-se incluir o acesso à rede, visto que o ambiente da Internet possibilita a integração entre os sujeitos inseridos em uma determinada sociedade e as mais variadas formas do conhecimento e expressões humanas. Nesse sentido, cabe destacar que durante a pesquisa, todos os 25 (vinte e cinco) participantes se declaram inseridos digitalmente, tendo como justificativa o acesso à rede através dos aparelhos celulares, fato, que por sua vez, ratifica o contexto de inclusão digital apresentada pelos autores. Além disso, o Comitê Gestor da Internet no Brasil revela que na última década, especificamente, a população brasileira com acesso à rede vem crescendo exponencialmente, tanto no que diz respeito ao uso de computadores e/ou celulares para sua conexão.

Observa-se que, paulatinamente, a população brasileira vem se tornando incluída no mundo digital, especialmente no âmbito educacional. O espaço escolar tem se tornado uma das principais instituições a preconizar a inclusão digital, uma vez que a educação é considerada um importante elemento no combate às desigualdades, e tem fundamental papel na inserção de sujeitos críticos na sociedade da era da informação. Nascimento e Trompieri Filho afirmam que

A educação é o elemento-chave na construção de uma sociedade fundamentada na informação, no conhecimento e no aprendizado. É uma estratégia da sociedade para facilitar que cada indivíduo alcance seu potencial e, para estimular cada indivíduo a colaborar com outros em ações comuns na busca do bem geral (NASCIMENTO; TROMPIERI FILHO, 2004, p. 37).

Nesse aspecto, a inclusão digital transfigura parte do processo de consolidação de uma sociedade em que todos os indivíduos possam atingir seu pleno potencial, sempre se respeitando suas características intrínsecas, assim como seus próprios valores e crenças. Ademais, no âmbito educacional, a inclusão digital torna-se uma ação integrada entre o processo de ensino-aprendizagem e as novas ferramentas tecnológicas, possibilitando ao aluno acesso ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação. Nascimento e Trompieri Filho ressaltam que

Educar, na sociedade da informação, significa capacitar as pessoas para o uso da Tecnologia da Informação. Em outras palavras, trata-se de investir na criação de competências suficientemente amplas, de modo a permitir uma atuação efetiva na produção de bens e serviços; tomar decisões com base no conhecimento; operar com habilidade os novos meios e ferramentas contempladas pelo trabalho; e, aplicar criativamente as mídias atualizadas (NASCIMENTO e TROMPIERI FILHO, 2004, p.37).

Nesse âmbito, mais do que colocar sujeitos frente aos diversos meios e formas de inovação tecnológica, incluir digitalmente representa a preparação desses indivíduos para o um mercado de trabalho cada vez mais conectado às tendências da modernização dos bens e serviços prestados. Acerca da inclusão digital, Cabral Filho e Cabral (2013) afirmam que

No caso do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação na sociedade, verifica-se que vem se motivando a implementação de diversos modos de fazer com que a população participe, em alguma medida, dessa transformação. Essas iniciativas são conhecidas, no Brasil, em torno da denominação de inclusão digital (CABRAL FILHO e CABRAL, 2013, p.6).

Os autores apontam que incluir digitalmente significa propiciar à população diversas maneiras de acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação. Embora a visão dos autores possa parecer generalista, ela expressa, mesmo que implicitamente, a importância de

se incluir as pessoas em uma sociedade caracterizada pelas mais variadas inovações tecnológicas.

Ainda sobre o processo de inclusão digital, Cabral Filho e Cabral (2013) dizem que

A inclusão digital no Brasil sempre foi vista como a participação da população no uso das TICs. Organizações - privadas ou públicas- proporcionam iniciativas no país destinadas a vários fins- aprendizado, inserção no mercado de trabalho, geração de renda – se propondo a minimizar a distância entre as pessoas e o avanço das TICs, perpassando a organização da economia, da política, bem como em atividades socioculturais da vida cotidiana (CABRAL FILHO; CABRAL, 2013, p.6).

Assim, os autores associam o processo de inclusão digital com a implementação das Tecnologias da Informação e Comunicação nas práticas cotidianas da população, seja para que o indivíduo esteja mais bem preparado para o mercado de trabalho e suas transformações ou para que o cidadão possa acompanhar as inovações tecnológicas produzidas em todo mundo. Todavia, torna-se relevante dizer que a qualidade do processo de inclusão digital no país necessita de adaptações e melhorias em relação aos diversos contextos econômicos e sociais em que os sujeitos encontram-se inseridos. É preciso ter múltiplos olhares sobre o tema a fim de que seja observada a diversidade de características encontradas em cada espaço de inclusão às novas tecnologias.

Os autores ainda afirmam que “a variedade das iniciativas se relaciona também aos múltiplos sentidos que o termo inclusão digital vem assumindo no Brasil, ou ainda, às diversas compreensões dessa aproximação entre sociedade e desenvolvimento tecnológico” (CABRAL FILHO e CABRAL, 2013, p.6). Tais iniciativas encontram-se diretamente ligadas com a concepção que a sociedade brasileira tem sobre o termo inclusão digital. Assim, analisando as falas desses autores, parece que a população brasileira concebe a inclusão digital como uma maneira de assegurar aos indivíduos o acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação.

Na área educacional, o que se percebe no fazer escolar são as diversas formas de se conceber a palavra inclusão tanto por uma parcela dos educadores como por parte do alunado. Para muitos, incluir um aluno ao meio digital significa colocá-lo, literalmente, na frente de um computador, *notebook* ou *tablet* e pedi-lo para consultar qualquer *site* de busca para a realização de uma determinada atividade, fazendo com que a palavra incluir comece e termine apenas no acesso do estudante à rede mundial de computadores. Obviamente que o acesso à Internet faz parte do processo de inclusão digital; entretanto, este não deve ser compreendido como a única forma de combater a exclusão dos indivíduos no meio digital. Como citado por Nascimento e Trompieri Filho (2004), a inclusão digital por parte da educação deve partir do princípio que os sujeitos incluídos no contexto digital sejam capazes de criar sua própria autonomia na realização de suas atividades profissionais e também pessoais. Dessa forma, os estudantes que participaram da pesquisa também apontaram o uso das tecnologias para o contexto acadêmico em que os mesmos encontram-se inseridos, seja na realização de trabalhos científicos, no desenvolvimento de pesquisas na área do próprio curso ou ainda no intercâmbio informacional entre estudantes da mesma área ou de áreas afins.

Entretanto, é importante salientar que o processo de inclusão digital poderia ter maior amplitude no cenário nacional, alcançando partes da sociedade que ainda sofrem com a marginalização do acesso à Internet e às novas Tecnologias da Informação e Comunicação. Coloco nesta parte, uma experiência única que vivi no Estado do Amapá, mais precisamente na cidade de Laranjal do Jari, cidade que ainda padece diante de alguns aspectos da era da modernização e informatização das ações humanas. Isso não significa que os municípios não

possuam computadores, celulares ou *tablets*, mas sim que dou ênfase ao acesso à Internet, que era muito complicado, já que a cidade não contava com Internet via fibras ópticas; logo a entrada na rede se dava por meio de antenas e transmissão de sinal via rádio. Poucos possuíam Internet em seus domicílios, já que o preço era muito alto. Pagava-se aproximadamente R\$ 146 por 128 Kbytes de Internet, ou seja, um valor muito elevado por um serviço de má qualidade.

Assim como o exemplo citado, devem existir outros lugares no Brasil e no mundo com outras mazelas referentes ao contexto digital. Cada um com suas singularidades, especificidades e demandas. Na tentativa de preencher algumas arestas que tangem à exclusão digital, o governo brasileiro vem desenvolvendo vários programas de inclusão digital apoiados por empresas e Organizações Não Governamentais – ONG (COGO, BRIGNOL e FRAGOSO, 2015). As ações governamentais, inicialmente, se propunham a oferecer locais públicos de acesso a computadores e Internet. Atualmente as iniciativas públicas estão voltadas mais para o acesso doméstico e para o gerenciamento das atividades realizadas na rede. Em suas pesquisas, Selwin, Gorard e Furlong (2005 apud COGO, BRIGNOL e FRAGOSO, 2015, p. 163) relataram que

a maior parte das pessoas pesquisadas tinha meios de usar o computador e a Internet, porém mais da metade relatou que esse uso foi raro ou inexistente em função de uma combinação de escolha, interesse e disposição. Por outro lado, apesar do discurso de capa- citação e transformação em torno do uso da internet, são as pessoas que já utilizam a internet em uma conexão ampla e frequente as que mais se beneficiam com o uso da rede (SELWIN, GORARD, FURLONG, 2005 apud COGO, BRIGNOL e FRAGOSO, 2015, p. 163).

Logo, a inclusão digital apenas tem sentido se estiver direcionada aos interesses do próprio sujeito que se encontra inserido em uma sociedade cada vez mais caracterizada pelos processos de informatização e modernização das ações humanas. Isso não expressa que as pessoas não incluídas digitalmente estejam em condições de subdesenvolvimento ou ignorância, apesar de que na grande parte dos aportes teóricos a que tive acesso, esse aspecto soara mesmo que de maneira velada. Todavia, estar incluído digitalmente pode representar um rizoma de oportunidades de troca de informação e conhecimento, permitindo aos usuários dessas novas tecnologias maior integração com as vertentes sociais, políticas, econômicas e culturais.

1.4 A Internet como Ambiente de Realização de Atividades

Ante a crescente utilização da Internet para os mais variados fins, seja para tarefas relacionadas ao cotidiano profissional, seja pela sua utilização como espaço de entretenimento, ou ainda como um ambiente de interação e troca de informações e conhecimento, esta vem se tornando um elemento imprescindível em uma sociedade marcada pela era da informatização dos saberes e competências. Como dito anteriormente, existem inúmeras formas de acesso a esse universo, por exemplo, a utilização de computadores *desktops*, *notebooks*, *palmtops*, *tablets*, celulares e outros. Nessa linha de utilização dos mais variados meios eletrônicos para se acessar a *Internet*, há uma evolução no que concerne a gerenciamento, acesso e maleabilidade dos próprios dispositivos e da Internet. A conexão à rede, que era vista apenas nos domicílios ou em espaços físicos restritos, agora está ganhando

lugares - ruas, praças e avenidas, graças à expansão do espaço da rede, e às tecnologias referentes ao uso da Internet sem fio, conhecida como conexão *wireless*, e popularmente difundida com tão somente o termo *wi-fi*. Lemos, Pastor e Oliveira (2012) dizem que o termo *Wi-fi* representa a abreviação dos termos *wireless fidelity*, um sinônimo para a tecnologia IEEE 802.11 que, por sua vez, permite a conexão de diversos dispositivos sem fio em uma mesma rede. Nas rodas de amigos em ambientes públicos ou até mesmo em momentos de lazer na casa de conhecidos, é usual se ouvir a seguinte pergunta: “Aqui tem *wi-fi*?”. Caso a resposta seja positiva, eis que surge outra pergunta: “Qual é a senha?”. Essas ações, quase realizadas inconscientemente, revelam como esse protocolo de acesso a zonas de *Internet* sem fio vem tomando grande proporção na vida de seus usuários.

Essa tecnologia tem contribuído substancialmente para o acesso da população a zonas de conexão com a *Internet*, principalmente quando aliada ao uso de aparelhos celulares com tecnologia de entrada na rede. De acordo com o Comitê Gestor da Internet no Brasil (2014), o celular é o aparelho mais usado para acessar a *Internet* com 76 % (setenta e seis por cento), com mais menções que o computador de mesa - 54% (cinquenta e quatro por cento), notebook - 46% (quarenta e seis por cento), *tablet* - 22% (vinte e dois por cento), televisão - 7% (sete por cento), e *videogame* - 5% (cinco por cento). Esses números corroboram com os dados obtidos nesta pesquisa em que os sujeitos participantes do estudo apontaram o telefone celular como o aparelho mais utilizados para o acesso à *Internet*. Um dos possíveis fatores para o uso desta tecnologia pode estar relacionado com as transformações tecnológicas sofridas por estes aparelhos, especialmente no que diz respeito a implementação de processadores de alta performance ao celular. Contudo, considerando a definição de computador da União Internacional de Telecomunicações - UIT, que inclui computador de mesa, portátil e *tablet*, verifica-se que 80% (oitenta por cento) dos indivíduos com mais de 10 anos que usam a rede fazem esse acesso a partir de um computador. Nesse sentido, o gráfico abaixo, da pesquisa TIC Domicílios (2014) do Comitê Gestor da Internet no Brasil indica a proporção de usuários da Internet por equipamentos usados para acessar a rede.

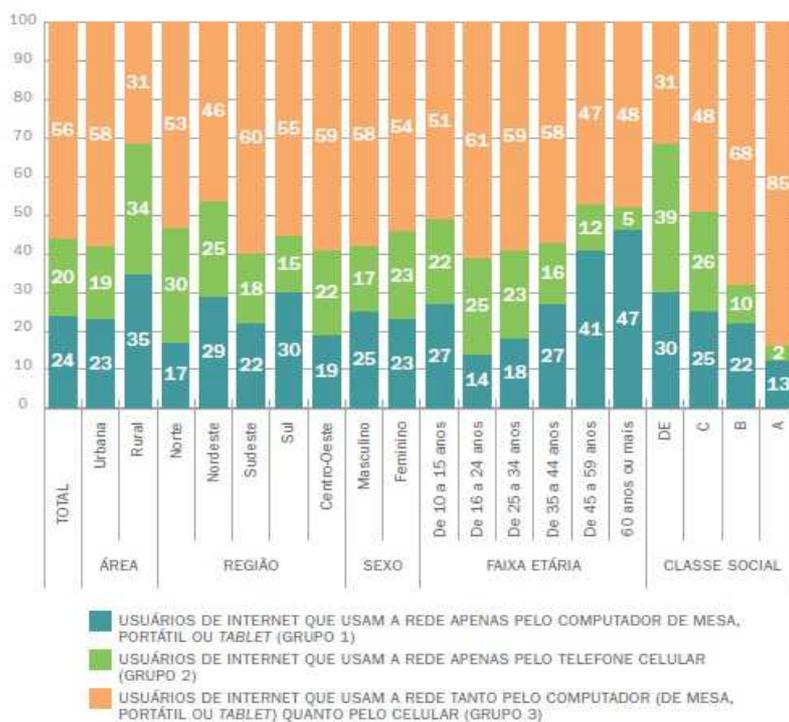


Gráfico 01: Proporção de usuários de internet por equipamentos usados para acessar a rede – TIC domicílios 2014

Os dados do gráfico da pesquisa TIC Domicílios (2014) do Comitê Gestor da Internet no Brasil, revelam que entre os grupos descritos anteriormente, o maior em número de usuários de *Internet* é o referente aos usuários da rede por computador e celular, que representa 56% (cinquenta e seis por cento) do total, enquanto aqueles que usam a rede apenas pelo celular somam 20% (vinte por cento) dos usuários de Internet, e os usuários que acessam à Internet apenas pelo computador correspondem a 24% (vinte e quatro por cento).

No que diz respeito às atividades realizadas na *Internet*, os números relacionados anteriormente evidenciam a emergência do uso da rede no território brasileiro. Paralelamente, percebe-se uma transformação das tarefas executadas *online* pelos seus usuários. Na verdade, existe uma ampliação e diversificação dos serviços oferecidos no ambiente da Internet, desde simples envios de mensagens ao gerenciamento das finanças pessoais e da família. Nesse aspecto, o quadro a seguir aponta a correlação entre os usuários da Internet e certas atividades realizadas nesse ambiente.

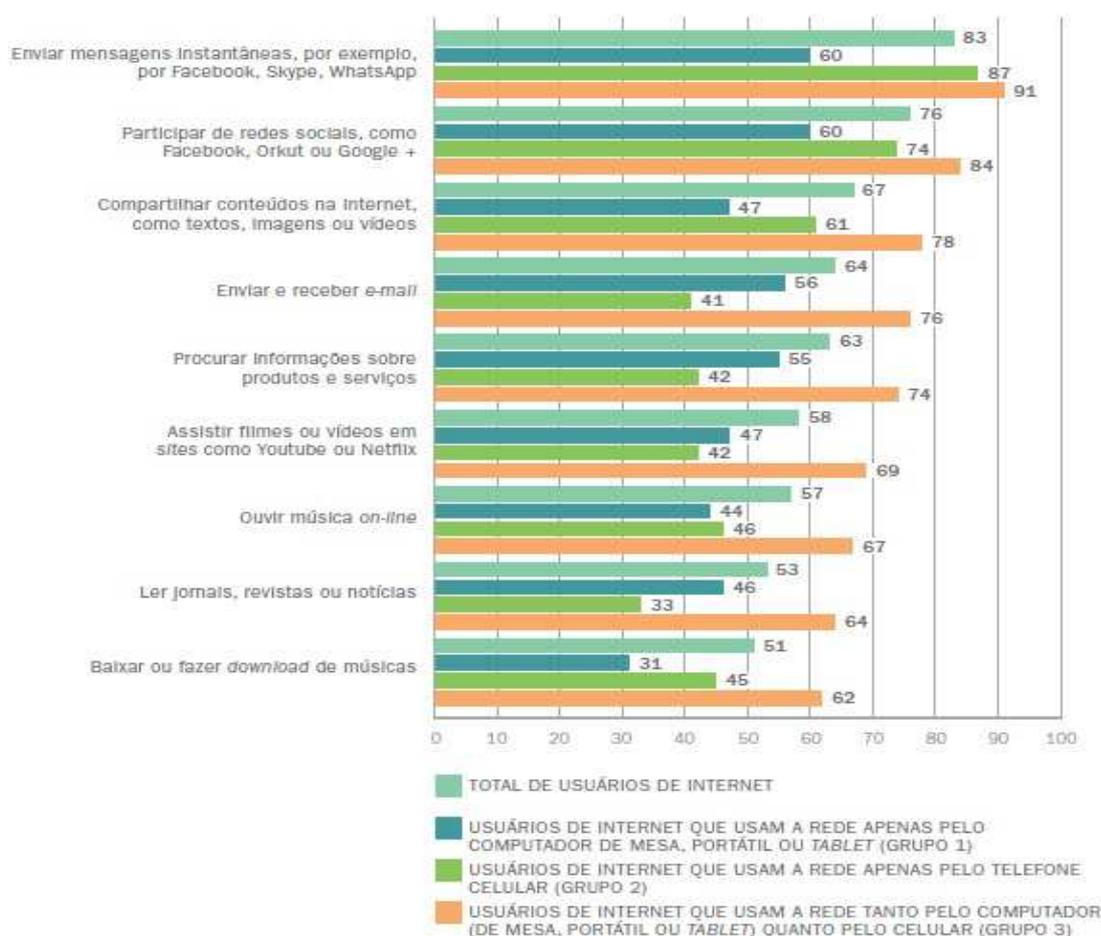


Gráfico 02: Proporção de usuários de internet por atividades realizadas mais citadas, segundo dispositivos utilizados – TIC domicílios 2014.

Verificam-se nos dados apresentados acima que, entre as atividades realizadas pelos usuários da Internet no espaço da rede, lideram a lista o envio de mensagens instantâneas e a participação de redes sociais. Outro aspecto interessante é o percentual de total de usuários que utilizam a Internet para assistir a filmes e vídeos, ou seja, mais da metade dos cidadãos que usufruem da rede.

Uma importante informação na pesquisa citada é o montante de internautas que usa o ambiente online para ler jornais, revistas ou notícias: um percentual de 53% (cinquenta e três por cento) do total de usuários. Esse número aponta que mais da metade da população brasileira que tem acesso à Internet utiliza a rede mundial de computadores para o desenvolvimento de suas práticas leitoras.

É nesse ponto que se atém parte desta pesquisa, pois no âmago desta investigação encontra-se a relação entre leitura de textos digitais e textos impressos. Na realização deste estudo, constatamos que os estudantes do Curso Técnico em Enfermagem da Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras, utilizam a leitura hipertextual com distintos objetivos, tais como, realização de atividades acadêmicas através da leitura de textos em *websites*, e também, no acesso às redes sociais. Nas próximas seções, serão colocados apontamentos acerca do processo de leitura e de seus elementos constituintes, bem como far-se-á a abordagem dos aspectos correlacionados ao texto e ao leitor.

2 HIPERTEXTO

Nesta seção, encontram-se discussões referentes ao hipertexto, seu caráter histórico e suas concepções. Neste momento, o debate sobre o hipertexto objetiva elucidar questões gerais sobre o advento do termo, permitindo melhor compreensão de sua evolução histórica.

2.1 Gênese e Concepções

Popularmente, a palavra hipertexto é diretamente relacionada à área da computação e informática, uma vez que a forma de maior difusão do hipertexto ainda é o computador. Quando iniciei as primeiras investigações desta pesquisa, alguns de meus colegas de trabalho perguntavam-me qual era o tema de minha pesquisa; e quando eu respondia que um dos pontos de investigação era o hipertexto, eles me indagavam acerca da relação entre o tema pesquisado e o caráter tecnológico do termo. De fato, mesmo não conhecendo profundamente a gênese do hipertexto, meus companheiros de trabalho estavam corretos em relação ao termo hipertexto. Entretanto, entre o surgimento do hipertexto e o seu desenvolvimento alcançado na área da informática, principalmente, com a chegada da *Internet*, existe uma considerável lacuna a ser preenchida.

O surgimento da atual definição de hipertexto remete a meados da década de 1940, quando Vannevar Bush, Diretor do Departamento de Pesquisa Científica e Desenvolvimento do governo do presidente Roosevelt, publicou na revista *Atlantic Monthly* o artigo com o título “As we may think”, traduzido para a Língua Portuguesa, como “Como podemos pensar”. A preocupação de Bush relacionava-se ao crescente número de produções científicas e a limitada capacidade humana de armazenar e futuramente acessar essas informações produzidas. Bush diz que

Há uma montanha crescente de pesquisa, mas há maior evidência de que uma barreira nos detém na medida em que cresce a especialização. O investigador é surpreendido pelas descobertas e conclusões de milhares outros colegas – conclusões as quais ele não encontra tempo de digerir, quanto menos lembrar-se delas, à medida que elas aparecem (BUSH, 1945, p.1)

A partir dessa inquietação, Bush propõe como possível solução do problema, um dispositivo denominado Memex - Memory Extension, traduzido como extensão de memória. O dispositivo teria como principal função o armazenamento de informações bélico-científicas e a capacidade de acessá-las a qualquer momento. Bush ressalta que

Isso contempla um passo imediato à indexação associativa cuja ideia básica é de que seja uma provisão pela qual qualquer item pode ser ativado para selecionar imediatamente e automaticamente um outro. Essa é a característica essencial do Memex. O processo de ligar dois itens é o que é importante (BUSH, 1945, p.7)

O Memex seria um dispositivo de gerenciamento de informação. Bush (1945) o define como um dispositivo no qual um indivíduo armazena todos os seus livros, registros e comunicações, e que é mecanizado para que tudo isso seja consultado com máxima velocidade e flexibilidade.

Embora a gênese do hipertexto tenha simetria com a invenção de Vannevar Bush, devido ao fato de o sistema de acesso do Memex apresentar familiaridade com os mecanismos do hipertexto, foi com Theodor Holm Nelson, filósofo e sociólogo americano, que o termo foi

estabelecido pela primeira vez em meados da década de 1960. Nelson (2008) relata que no terceiro semestre como estudante na Universidade de Harvard ele iniciou o projeto objetivando auxiliá-lo como leitor em uma leitura não-linear, permitindo-o escolher seu próprio roteiro de leitura por intermédio de um documento eletrônico. Através do projeto intitulado Xanadu, Nelson lança a ideia de que seria possível a criação de uma biblioteca universal, a qual seria constituída por livros, textos, sons e imagens conectados uns aos outros. Nelson (2008) relata que o papel seria uma forma de prisão entre quatro paredes e que o surgimento dos computadores poderia ser a forma mais eficaz de se escapar desta clausura. Sendo assim, o paralelismo e as conexões de arquivos romperiam as bordas de um único documento que teria em si mesmo sua própria finalidade. Naquele momento, Nelson procura redefinir a busca à literatura, possibilitando em cada conexão o acesso a documentos de conteúdos com maior autenticidade. Nelson (2008) fala que ao lançar o projeto Xanadu, ele sequer sabia da futura relação de seu projeto com as atuais configurações e cenários em que o hipertexto encontra-se inserido. De fato, a ideia de Nelson apresenta forte semelhança com as características específicas do hipertexto, no qual a principal característica é a mobilização e a regressão de um determinado espaço a outro. A partir do projeto de Nelson, o hipertexto ganhou novos aliados tecnológicos que permitiram maior alcance de sua função primária, a conexão entre espaços, arquivos e documentos. A Internet, por exemplo, amplificou a movimentação entre informações dentro do ambiente virtual. Até então que o termo hipertexto encontra-se estreitamente ligado a conceitos técnicos voltados para a recuperação de arquivos. Entretanto, com a evolução do hipertexto e suas funcionalidades, surge a questão lingüística do objeto.

Diante do advento do hipertexto, muitas são as discussões e conceitos que circundam o fenômeno da leitura em hipertexto nas aulas de Língua Inglesa. Com o processo de modernização educacional e o surgimento das Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs, a procura por novas formas de se trabalhar as habilidades linguísticas, principalmente *Reading* - a leitura e interpretação de textos, acaba por encontrar ferramentas e suportes tecnológicos, tais como *softwares* educacionais, *websites*, *e-mail* e redes sociais, os quais podem contribuir significativamente para a reestruturação das práticas docentes nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Técnico.

Ainda em relação ao hipertexto, Levy (1995) atribui seis princípios que modelam seu significado: princípio de metamorfose, princípio de heterogeneidade, princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas, princípio de exterioridade, princípio de topologia e princípio de mobilidade dos centros. Sobre o princípio da metamorfose, o autor traz que “a rede hipertextual pode permanecer estável durante um certo tempo, mas esta estabilidade é em si mesma fruto de um trabalho. Sua extensão, sua composição e seu desenho estão permanentemente em jogo para os atores envolvidos, sejam eles humanos, palavras, imagens, traços de imagens ou de contexto, objetos técnicos, componentes destes objetos, etc.” (LEVY, 1995, p.14). Esse princípio expressa o processo de construção dentro de uma rede hipertextual, na qual as conexões sempre estão em negociação e renegociação entre si.

No que diz respeito ao princípio da heterogeneidade Levy afirma que

Os nós e as conexões de uma rede hipertextual são heterogêneos. Na memória serão encontradas imagens, sons, palavras, diversas sensações, modelos, etc., e as conexões serão lógicas, afetivas, etc. Na comunicação, as mensagens serão multimídias, multimodais; analógicas, digitais, etc. O processo sociotécnico colocará em jogo pessoas, grupos, artefatos, forças naturais de todos os tamanhos, com todos os tipos de associações que pudermos imaginar entre estes elementos (LEVY, 1995, p.15).

Essa interação funcional entre os elementos contidos no hipertexto e os leitores demonstra a pluralidade linguística presente nesse ambiente, uma vez que no processo de

leitura em hipertexto existe um jogo de relação entre sujeitos, textos e ideias, possibilitando o intercâmbio de informações contidas nas conexões da rede hipertextual.

Sobre o princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas, Levy (1995) relata acerca do modo fractal de organização do hipertexto. O autor diz que “qualquer nó ou conexão, quando analisado, pode revelar-se como sendo composto por toda uma rede, e assim por diante, indefinidamente, ao longo da escala dos graus de precisão” (LEVY, 1995, p.15). Isso significa dizer que a composição um hipertexto está diretamente relacionada com sua própria subdivisão, que pode, por sua vez, conter subdivisões ainda menores e assim por diante.

Em relação ao princípio da exterioridade, Levy (1995) afirma que “a rede não possui unidade orgânica [...] Seu crescimento e sua diminuição, sua composição e sua recomposição permanente dependem de um exterior indeterminado: adição de novos elementos, conexões com outras redes” (LEVY 1995, p.15). Vale destacar que nesse contexto de exterioridade, o hipertexto é representado como um elemento em constante transformação, visto que em cada constituição de rede, novos elementos tais como, imagens, gráficos, links, entre outros podem surgir do processo hipertextual.

Ao falar sobre o princípio de topologia, o autor afirma que “nos hipertextos, tudo funciona por proximidade, por vizinhança. Neles, o curso dos acontecimentos é uma questão de topologia, de caminhos” (LEVY 1995, p.15), ou seja, o espaço do hipertexto não apresenta força de ligação ou separação dos nós que o compõem. Tudo o que se tem no hipertexto desloca-se livremente no espaço. Na verdade, o hipertexto não está em um determinado espaço, ele é o próprio espaço (Levy, 1995).

Quanto ao princípio da mobilidade de centros, o autor discute sobre o fato do hipertexto não possuir um determinado centro, mas sim vários centros, que são perpetuamente móveis e rizomáticos.

2.2 A Evolução do Hipertexo

Na seção anterior, trouxemos para discussão o surgimento do hipertexto desde a criação do dispositivo *Memory Extension*, criado por Vannevar Bush, passando pela gênese do termo hipertexto, dado por Theodor Holm Nelson e chegando aos princípios e características levantados pelo filósofo Pierry Levy (1995). Nesta seção, procuramos traçar o percurso histórico do hipertexto, analisando-o sob a luz das forças linguísticas, porém não descartando os olhares das outras áreas. Ao apresentar o rizoma de estudo que circunda o hipertexto, Gomes (2007), em sua tese de doutorado afirma que

Ao passar a ser estudado também por cientistas de outras áreas, tais como linguistas, filósofos, designers, psicólogos e educadores, entre outros, novas características foram ressaltadas. Assim, quando procuramos entender o que é o hipertexto, encontramos certa confusão - e até uma mistura - de suas particularidades linguísticas com sua usabilidade, de sua produção (design) com sua recepção (leitura e construção de sentidos) (GOMES, 2007, p.9).

A despeito da miscelânea de informações trazida por estudos realizados em diferentes áreas sobre o hipertexto, essa pluralidade de conhecimentos permite-nos compreender melhor o universo que gira em torno do hipertexto, visto que uma determinada área do conhecimento pode lançar mão de outras concepções para desenvolver seus próprios estudos.

É importante salientar que neste estudo partimos do princípio linguístico do hipertexto para conduzirmos nossa investigação, uma vez que averiguamos as práticas leitoras de estudantes de um curso técnico. Entretanto, apesar do hipertexto ganhar notório enfoque no estudo, não estamos descartando as características do texto em papel.

Cabe destacar que neste momento daremos maior destaque ao hipertexto visto que na seção 02 do capítulo 3 discorreremos sobre o texto e o leitor, trazendo para a discussão as definições que o texto assume dentro do processo de leitura. Logo, iniciamos o debate contextualizando, historicamente, os estudos realizados em torno do hipertexto, e trazendo uma visão primária da literatura apontada por Leffa e Castro em seu artigo que diz o seguinte:

O hipertexto já existia muito antes do advento dos computadores, citando como exemplos, entre outros, as notas de rodapé e as iluminuras dos manuscritos antigos. Há, no entanto, algumas diferenças básicas, tanto de apresentação gráfica como na atividade de leitura. A principal, a nosso ver, está na forma como é feita a ligação entre um texto e outro no papel e na tela do computador (LEFFA; CASTRO, 2008, p.170).

Destacam-se na reflexão de Leffa e Castro o fato de o hipertexto descender das atividades de leituras de textos tradicionais, ou seja, textos manuscritos ou impressos que continham em sua formatação notas e referências que levassem o leitor a outras informações que não estavam presentes no corpo do texto, dessa forma, auxiliando-os no processo de compreensão do mesmo. Apesar do mecanismo de leitura em hipertextos ter suas origens nos conceitos apresentados pelos autores, é possível observar que o hipertexto caracterizado pela leitura no papel diverge acentuadamente da leitura do hipertexto em um computador. Entretanto, Coscarelli (2006) relata que os elementos que marcam a não-linearidade de um texto - por exemplo, as notas de rodapé, os índices e as cadeias referenciais - estão presentes em todos os tipos de texto. A autora ainda defende a ideia de que todo texto é um hipertexto e que toda leitura é um processo hipertextual.

Diante das discussões acima, uma pergunta surge em meio a um emaranhado de informações: O que o hipertexto digital, caracterizado pelo ambiente virtual, teria de diferente do hipertexto encontrado em textos impressos, tais como dicionários, enciclopédias e mapas? Para Levy (1995) a diferença básica seria a velocidade. O autor diz que

A reação ao clique sobre um botão (lugar da tela de onde é possível chamar um outro nó) leva menos de um segundo. A quase instantaneidade da passagem de um nó a outro permite generalizar e utilizar em toda sua extensão o princípio da não-linearidade. Isto se torna a norma, um novo sistema de escrita, uma metamorfose da leitura, batizada de navegação (LEVY, 1995, p.22)

Percebemos que, em sua fala, o autor pondera, claramente, o caráter digital do hipertexto, contrapondo, em certo sentido, Coscarelli (2006), trazendo como principal característica a mudança do aspecto da leitura que gira em torno do hipertexto, o que chamamos de hipertexto digital, defendendo que há, sim, diferenças entre o conceito de hipertexto anterior aos suportes digitais da atualidade. Torna-se pertinente dizer que o formato de hipertexto que nos interessa dentro desta investigação é aquele que se encontra adjunto ao computador e ao ambiente da Internet. Dessa forma, Xavier (2003), contestando Coscarelli (2006) e reafirmando a ideia de Levy (1995), levanta a reflexão sobre o conceito de hipertexto, ao dizer que

A partir da concepção de texto como forma de cognição social que organiza e constitui o conhecimento e em razão do grande desenvolvimento das novas tecnologias digitais, permitindo a diminuição do tempo e das distâncias para a interação verbal entre os atores sociais, observamos que uma vez digitalizados, os textos parecem abrir caminho para a chegada do Hipertexto.

Trata-se de um construto multi-enunciativo produzido e processado sobre a tela do computador, que, emergindo no seio da contemporânea Sociedade da Informação, surge com todo seu vigor inovador nos atuais tempos pós-modernos (XAVIER, 2003, p.24).

O autor traça um paralelo entre o texto e o hipertexto, e relaciona diretamente o hipertexto com o computador, ou seja, seu suporte, referindo-se ao mesmo como um enunciado processado sobre a tela de um monitor. Nesse sentido, o autor remete-nos ao fato do hipertexto coexistir inserido a um ambiente virtual. Além disso, o hipertexto é aqui caracterizado como fruto de uma sociedade pós-moderna que vive em meio à emergência das Tecnologias da Informação e Comunicação.

Em consonância à ideia de Xavier sobre o hipertexto, Snyder (1997) apud Xavier (2003) afirma que “o hipertexto providencia um meio de arranjar a informação de uma maneira não-linear; tendo o computador como o automatizador das ligações de uma peça de informação com outra.” (SNYDER, 1997, p.146, apud XAVIER, 2003, p.25).

Snyder defende que o hipertexto não poderia existir fora de um computador, uma vez que ele tem o papel de construir através dos *links* uma ponte entre uma informação e outra. Concordamos com a afirmação da autora de que o hipertexto possibilita o arranjo de informações de uma maneira não-linear; contudo, acreditamos que tanto o computador quanto o leitor possuem importante função no que diz respeito à construção de uma teia de informações interligadas, especialmente em relação ao conceito de *affordance*. Tal conceito encontra-se intimamente ligado às percepções que um determinado sujeito apresenta em relação a um objeto ou ambiente (GIBSON,1986). Nesse sentido, o leitor torna-se corresponsável pela percepção das possibilidades que o hipertexto pode revelar. Broch (2009) aponta que

Uma *affordance* é o produto das relações entre estruturas físicas do ambiente e o intelecto dos seres vivos. A ação decorrente dessa relação está comprometida, também, com a escala e as capacidades físicas do agente [...] onde um adulto vê uma mesa que pode ser levada para qualquer lugar, uma criança vê um abrigo, impossível de deslocar (BROCH, 2009, p. 25).

Dessa forma, a *affordance* que um determinado leitor tem em relação ao hipertexto pode configurar-se em um ambiente repleto de possibilidades de leitura, principalmente no que concerne à pluralidade de características nele encontrada.

Em sua tese, Xavier (2003) descreve quatro características essenciais do hipertexto: 1) a imaterialidade, caracterizada pela não tangência, ou seja, por não poder tocá-lo como faríamos com uma folha de papel; 2) a confluência de modos enunciativos, definido por outras formas de textualidade, além da escrita, tais como, imagens em vídeos, sons, ícones animados, entre outros; 3) a não-linearidade; 4) a intertextualidade infinita.

Sobre a não-linearidade, Xavier (2003) afirma que

A não-linearidade deve ser definida do ponto de vista do dispositivo material e não do ponto de vista do discurso. Deslinearidade não significa, obrigatoriamente, a não contiguidade sequencial da materialidade discursiva, pois, na recepção dos discursos, essa é uma decisão exclusiva do leitor em qualquer tipo ou gênero de texto ou tecnologia de enunciação (XAVIER, 2003, p.31).

O autor relata que a não-linearidade não representa algo exclusivo do hipertexto, mas a inovação que a leitura hipertextual traz é convidar o leitor a reorganizar sua estrutura predominantemente descontínua.

Em relação à quarta característica do hipertexto, a intertextualidade infinita, o autor defende que todo discurso textualizado remete a outros, permitindo a formação de uma memória discursiva (Xavier, 2003). Para o autor, a Internet é o espaço virtual que torna a linguagem um fenômeno mais evidente, ou seja, este ambiente tem a capacidade de intertextualizar os dizeres dos seres humanos. O autor ainda diz que

O hipertexto acentua a função e as vantagens da intertextualidade. Os *hiperlinks* conduzem, instantaneamente, os leitores a textos, obras e discursos originais, se indexados à rede, permitindo, dessa forma, o acesso e a verificação das idéias de terceiros pelo próprio hiperleitor que pode fazê-lo imediatamente (XAVIER, 2003, p.32).

Torna-se interessante observar que o processo de intertextualidade contribui para a formação de um conjunto de idéias que se associam, ou seja, o leitor, denominado por Xavier (2003) como hiperleitor, tem a capacidade de visitar textos e autores diversos para construir significado em seu processo de leitura. Além disso, o hiperleitor tem a capacidade de realizar essa associação de textos e idéias em um curto espaço de tempo. Sendo assim, ao clicar em um *hiperlink*, ele é conduzido em frações de segundo a outro universo de leitura, dentro ou não, da mesma página da *web*. É importante dizer que no tocante ao uso dos hipertextos nas aulas de Língua Inglesa, os sujeitos participantes desta pesquisa indicaram estas características dos *links* em uma *webpage* como o principal elemento diferenciador entre a leitura de um texto impresso e de um hipertexto.

Ademais, o autor afirma que

A arquitetura dos Hipertextos e seus modos de organização podem ser muito diversos, segundo o campo de conhecimento que mobilizam e no qual se inscrevem. Dessa forma, tanto menos linear será a leitura do Hipertexto, quanto maior for a disposição do usuário para vagar pelas informações *linkadas* e quanto mais livre de uma interpretação fechada for o campo do saber pelo qual o usuário decidiu trafegar durante sua leitura na tela digital (XAVIER, 2003, p.32).

Isso significa dizer que quanto maior for o processo de intertextualidade, maior será a pluralidade de informações encontradas no hipertexto. Portanto, o hiperleitor pode ser caracterizado como um tipo de leitor que apresenta práticas de leitura mais livres no sentido da linearidade do texto do que aqueles que realizam suas leituras em textos impressos, haja vista todas as quatro características do hipertexto atribuídas pelo autor.

Logo, observando as dadas concepções de diferentes autores sobre o hipertexto, pode-se constatar que apesar do processo de leitura em hipertexto apresentar algumas características semelhantes ao processo realizado em um texto impresso, esse tipo de leitura diferencia-se por inúmeras particularidades que não são encontradas neste último tais como a velocidade na troca de informações através do ambiente *online*, elementos extra textuais, por exemplo, áudios e vídeos, maior intertextualidade no processo de leitura, a não-linearidade textual, entre outras. Nesse sentido, observando a diversidade de semioses encontradas no hipertexto, o processo de leitura neste aplicado torna-se repleto de características de um texto multimodal, isto é, o texto passa a ter sua significação diante de sua variedade de códigos semióticos (Kress & van Leuween, 2001)

Além disso, em sua tese, Gomes (2007) afirma que

A crescente ubiquidade do som e da imagem, dos filmes na TV, no computador e na internet traz uma complexidade multissemiótica para as

representações que produzimos e vemos à nossa volta. De um modo geral, a tendência para uma análise multimodal gira em torno de dois aspectos: (a) a descentralização da linguagem como favorecedora da construção de sentido e (b) um novo olhar sobre os cada vez mais tênues limites entre os papéis da linguagem, da imagem, do suporte, do layout, do desenho do documento etc (GOMES 2007, p.61).

Nessa perspectiva, o hipertexto caminho ao encontro destes aspectos citados pelo autor, uma vez que apresenta elementos constitutivos que ultrapassam a fronteira da língua e da linguagem, possibilitando novas formas de construção de sentido no processo comunicativo. Entretanto o autor também destaca o surgimento de um conceito de multimodalidade, entre teóricos, mais específico ao hipertexto, a hipermodalidade. Lemke (2002) apud Gomes (2007) diz que

A hipermodalidade é uma maneira de se nomear as novas interações entre os significados das palavras, imagens e sons na hipermídia, isto é, em artefatos semióticos nos quais significantes em diferentes escalas de organização sintagmática estão ligados em redes complexas (LEMKE 2002, p.324 apud GOMES 2007, p.62).

Observo que o autor destaca a especificidade do hipertexto em relação às suas múltiplas semioses, ou seja, a multimodalidade de um hipertexto diferencia-se de outras formas de representação comunicativa já que encontra-se ligado a redes mais complexas, especialmente no que se refere ao ambiente *online*.

3 LEITURA: CONCEITOS E PRÁTICAS ESCOLARES

A leitura é uma das mais antigas atividades intelectuais no que diz respeito à organização de pensamentos e difusão de conceitos, ideias e teorias que transcendem infinitamente o espaço e o tempo de uma sociedade, ou seja, a leitura constitui uma das ações mais clássicas de acesso ao conhecimento. O ato de ler pode representar, em uma visão geral e simplificada de sua essência, a aventura de se debruçar diante de palavras e decodificá-las fonética, morfológica e semanticamente. Nesse sentido, ler seria apenas identificar o sentido dos elementos presentes no texto e estabelecer associações entre imagens gráficas e sons.

Entretanto, a leitura vai além dessa simples tarefa mecânica, ultrapassando os limites do próprio texto, ou seja, as práticas leitoras de cada indivíduo estão também relacionadas a fatores cognitivos, culturais e socioeconômicos.

Por mais simples e familiar que a palavra leitura possa ser às pessoas em geral, sua definição e seu conceito parecem gerar mais dúvidas do que a clara relação entre a própria palavra, o ato de ler e suas várias implicações, já que, até mesmo a etimologia da palavra ler, do latim *legere*, remete-se a várias definições (Hilleshein et al.,2011), por exemplo, contar/enumerar letras, entre outros. Logo, criar novos conceitos sobre leitura soa como uma presunçosa tarefa; logo, definir ou conceituar a leitura não teria qualquer originalidade acadêmica nesta pesquisa. Nesse sentido, procuro a discussão sobre o ato de ler e suas singularidades, clamando por concepções de autores que divergem e/ou convergem em seus pontos de vistas. Vale ressaltar que no campo de estudos sobre a leitura, existe uma gama de autores que procuram levar suas pesquisas para áreas de concentração mais próximas às suas práticas, filosofias ou referências; sendo assim, é de suma importância a colocação de distintas ideias e concepções sobre leitura para que se possa promover uma discussão mais democrática, autônoma e profícua. Dentre as inúmeras questões que acercam o processo de leitura, destaca-se o conceito que revela o caráter interativo do ato de ler. Segundo Solé (1987, apud SOLÉ, 1998, p.22), a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, em um processo para tentar satisfazer os objetivos que guiam sua leitura. Quando feita a pergunta popularmente sobre o que é ler, este seria o conceito mais próximo das definições dadas por leitores em geral, que identificam o processo como a relação entre um texto, no seu mais amplo significado e os leitores que fazem o uso destes textos. Desta forma, Solé diz que

A leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Nesta compreensão intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias (SOLÉ, 1998, p.23).

Depreende-se que a interação entre texto e leitor parece ser mais complexa do que exclusivamente dizer que a leitura é meramente o ato de ler algo. Esse processo integra fatores internos e externos ao texto e ao leitor; por exemplo, as experiências precedentes do leitor, suas habilidades de decodificar os elementos textuais e os próprios anseios do leitor em relação ao documento que se lê.

Decodificar letras, sílabas, palavras, frases e assim sucessivamente, demonstra a mecanicidade do ato de ler, e põe um grande desafio em questão. Ler é meramente o ato de decifrar os elementos gráficos da escrita, gestos ou sinais de uma língua? A resposta parece ser contrária a essa ideia. Entretanto, a prática de decodificar sinais gráficos faz parte desse múltiplo processo, sendo assim, não se pode anular esta informação no intuito de elaborar uma resposta mais contundente sobre o que é leitura. Coscarelli complementa a ideia de Solé afirmando que

O conceito mais comum de leitura é a transformação de ‘rabiscos’ em ideias. A grosso modo não deixa de ser, mas essa é uma maneira muito simplista de perceber esse processo. Esse conceito traz em si uma noção de leitura como um todo sem divisões. Essa maneira de conceber a leitura dificulta o trabalho do professor de ajudar os alunos a desenvolver estratégias de leitura, pois o torna incapaz de identificar onde está o problema de cada leitor (COSCARELLI, 2002, p.01).

Esta seria a representação mais simplória da leitura, e a mais utilizada para definir o que seria o ato de ler. Esta definição parece estar no inconsciente das pessoas, já que a concepção da leitura inicia-se no primeiro contato entre os olhos e seu sentido e o que é escrito graficamente em um pedaço de papel, não excluindo outros tipos de textos que não são caracterizados pela linguagem escrita. Vale ainda salientar que muitos professores não conseguem entrever a leitura como um processo fracionário, mas sim como uma ação totalitária e independente. Em minha carreira docente, já encontrei muitos professores de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Espanhola abordando o processo de ler como se a leitura fosse um elemento único e indissociável. Talvez seja por algumas destas práticas que a concepção dos alunos sobre leitura permanece inerte no sentido de que ler significa apenas a decodificação de palavras ordenadas em um determinado texto.

As concepções de leitura podem ser percebidas como uma visão prismática, sendo direcionadas de acordo com os ângulos de observações dos procedimentos analisados. Leffa (1996) destaca que a leitura pode ser dividida entre quatro distintos conceitos, sempre obedecendo ao enfoque dado ao processo de leitura. O autor apresenta quatro diferentes características, sendo uma delas de caráter geral (1), duas específicas (2 e 3) e uma conciliatória (4). Ele afirma que

A definição geral tem a finalidade de oferecer a essência do ato de ler, servindo de base comum para qualquer definição mais específica. As duas definições específicas atêm-se, cada uma, a um determinado pólo da leitura, desconsiderando o outro. Finalmente, a definição conciliatória tenta captar justamente os elementos que unem os dois pólos (LEFFA 1996, p.9)

No que diz respeito ao caráter geral da leitura (1), o autor descreve leitura como um processo representativo. Neste momento ele discute o sentido da visão e sua relação com elementos representativos. Para Leffa (1996), ler significa, basicamente, reconhecer o mundo através de espelhos que constituem a língua ou ainda através de sinais não linguísticos, como por exemplo, ler a alegria estampada em um sorriso. Ainda o autor diz que “o processo de triangulação, no entanto, é o mesmo. Ao fazermos a leitura sociológica de uma rua da cidade olhamos para as casas, o calçamento, as pessoas, mas vemos a realidade sociológica refletida por essa rua (LEFFA, 1996, p.10). Logo, para o autor a atividade de leitura não está apenas relacionada com a palavra escrita, mas sim a outras formas de leitura que são processadas através de símbolos não-linguísticos. Referindo-se a triangulação no processo de leitura, Leffa (1996) ainda diz que “sem triangulação não há leitura. Às vezes, no entanto, a triangulação não é possível. Quando o leitor diz “li,mas não entendi”, ele ficou apenas no primeiro elemento da realidade; olhou mas não viu. Houve tentativa de leitura mas não houve leitura” (LEFFA, 1996, p.11). No que diz respeito a triangulação citada pelo autor, esta refere-se ao processo de leitura que envolve o leitor, o objeto de leitura e a sua própria realidade.

Neste aspecto, a leitura recebe um tratamento diferenciado no que diz respeito à sua visão geral. Solé (1998) traz a leitura como processo de compreensão da linguagem, enquanto Coscarelli (2002) discute a particularidade do ato de ler como a transformação da escrita em ideias, e Leffa (1996) aborda a leitura como prática de representação. As definições gerais

dadas por esses autores não indicam contrariedades nos discursos apresentados, mas sim conceitos que se complementam e possuem interdependências entre si.

Em um segundo plano de análise, destacando as duas características específicas da leitura, Leffa (1996) traz duas definições antagônicas deste processo, ressaltando que ler significa extrair significado do texto (2) e ler significa atribuir significado ao texto (3). Sobre este conceito, Leffa afirma que

O significado pode estar em vários lugares, mas ao se usar o verbo extrair, põe-se o significado dentro do texto [...] a acepção de que ler é atribuir significado, põe a origem do significado não no texto, mas no leitor. O mesmo texto pode provocar em cada leitor e mesmo em cada leitura uma visão diferente da realidade (LEFFA, 1996, p.12).

Desta forma, a leitura apresenta dois enfoques em seu processo, uma dedicada ao texto, nos quais se podem extrair significados, e outro que está diretamente relacionado ao leitor, que por sua vez tem a capacidade de atribuir significado ao texto, já que o texto seria nada mais que uma representação. Nesse sentido, a leitura caracteriza-se como elemento fundamental para representar a realidade através de palavras, sinais e imagens, permitindo ao leitor diferentes visões e interpretações do mundo a sua volta. Para Leffa (1996), a leitura não representa diretamente realidades, mas sim espelhos que as refletem e podem ser interpretadas distintamente ao passo que o leitor se posiciona diretamente a esses reflexos.

As análises da realidade contidas nessa relação entre texto e leitor encontram-se intimamente ligadas às características individuais, tais como o conhecimento prévio do objeto de representação e fatores relacionados ao contexto político, social e econômico de cada indivíduo. Leffa afirma que

A visão da realidade provocada pela presença do texto depende da bagagem de experiências prévias que o leitor traz para a leitura. O texto não contém a realidade, reflete apenas segmentos da realidade, entremeados de inúmeras lacunas, que o leitor vai preenchendo com o conhecimento prévio que possui do mundo. (LEFFA, 1996, p.14)

Além disso, a leitura não depende somente das características de apresentação do texto, mas também das qualidades intrínsecas do leitor. Esse intercâmbio de informação demanda uma sintonia apurada entre texto e leitor, uma vez que o processo de leitura é considerado uma via de duplo sentido.

Em referência à característica conciliatória (4) do processo de leitura, o autor fala que

Ao definirmos a leitura quer como um processo de extração de significado (ênfase no texto) quer como um processo de atribuição de significado (ênfase no leitor) encontramos, em ambos os casos, uma série de problemas mais ou menos intransponíveis. A complexidade do processo da leitura não permite que se fixe em apenas um de seus pólos, com exclusão do outro (LEFFA, 1996, p. 17).

Nesse aspecto, é importante dizer que nem o texto nem o leitor devem ser somados para que o processo de leitura se realize, ou seja, não se pode analisá-los como partes indissociáveis. O autor também ressalta que “é preciso considerar também um terceiro elemento: o que acontece quando leitor e texto se encontram. Para compreender o ato da leitura temos que considerar então o papel do leitor, o papel do texto e o processo de interação entre o leitor e o texto” (LEFFA, 1996, p. 17). Este último aspecto é que define o caráter

conciliatório (4) do processo de leitura. Esta interação entre texto e leitor pode resultar em um novo elemento, a compreensão, que somente ocorrerá, segundo o autor, se houver afinidade entre texto e leitor.

A caracterização do processo de leitura, destacada por Leffa (1996), permite dizer que o ato de ler pode ser concebido em diversas perspectivas. Dessa maneira, a multiplicidade conceitual do termo leitura proporciona inúmeros olhares sobre o ato de ler. Uma destas visões refere-se ao fato de que o ato de ler nem sempre ou ainda raramente é concebido sobre o viés social deste processo. Em sua pesquisa, Correia (2011) aponta as preocupações de professores de turmas de alfabetização com o “fracasso” de seus alunos perante a leitura de textos. As professoras destacam problemas fisiológicos, visuais e/ou lingüísticos como sendo fatores responsáveis pela não aprendizagem da leitura. Além disso, de acordo com Correia (2011) as inquietações desses docentes sobre leitura apontam a não preocupação com a maneira com que a leitura é abordada, as peculiaridades do currículo escolar e os fatores interpessoais dos educandos, ou seja, estes importantes fatores que circundam o ato de ler são subtraídos do processo que envolve a leitura. Correia afirma que

A leitura como uma produção humana, logo, culturalmente construída, cuja gênese e desenvolvimento se dão no meio social e cultural, parece não ser percebida pelas professoras [...] Observa-se que elas se eximem de qualquer influência no domínio do ato de ler pelas crianças e, muitas vezes, transferem a causa da não aprendizagem para algum problema de disfunção cerebral (CORREIA, 2011, p.66).

Nota-se que não se pode isolar o ato de ler das questões que giram em torno do processo de formação de leitores, uma vez que o ser humano é um ser constituído de práticas sociais, e que o sujeito leitor é um indivíduo que carrega consigo suas perspectiva de mundo e suas ideias referentes à sociedade a que pertence e atua.

A prática de leitura de textos nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Técnico ainda continua sendo uma das alternativas mais desenvolvidas por educadores e alunos no processo de ensino-aprendizagem da disciplina. Os desafios de se trabalhar a leitura em sala de aula torna-se, na Língua Inglesa, um amplo horizonte de análises, discussões e intervenções. Nesse aspecto, em minha prática docente, observo que alguns colegas de disciplina buscam novas estratégias pedagógicas para aprimorar suas práticas educacionais em relação ao universo de leitura em Língua Estrangeira.

3.1 Estratégias de Leitura

Sabe-se que o hipertexto é, também, considerado um texto, e que inúmeros textos em códex, ou seja, no papel, também podem apresentar uma forma de hipertexto. Texto, nas palavras de Marcuschi (2009), possui características que ultrapassam a mera esquematização de palavras, estruturadas em sentenças que, por sua vez, formam o escopo textual. Marcuschi afirma que

Um texto está submetido tanto a controles e estabilizadores internos como externos, de modo que uma Linguística Textual razoável não deve considerar a estrutura linguística como fator único para a produção, estabilidade e funcionamento do texto. Nem se pode tratar o texto simplesmente como uma unidade maior que a sentença, pois ele é uma entidade de outra ordem na medida em que é ocorrência na comunicação. (MARCUSCHI, 2009, p. 30)

Nesse sentido, o autor expressa a existência de fatores que contribuem para o processo de comunicação de um determinado texto. Esses fatores podem produzir diferentes interpretações de um determinado enunciado. Logo, ao dizer que um mesmo texto pode apresentar mais do que uma compreensão, faz-se importante investigar as diversas maneiras que o leitor utiliza para construir sentido em um determinado enunciado. Logo, a análise de quais estratégias de leitura o leitor lança mão para a construção de sentido de um texto, torna-se essencial para esta pesquisa. De acordo com Brown (2007), o desenvolvimento das estratégias de compreensão textual é o primeiro passo para uma leitura significativa. Entretanto, a ideia do autor não quer dizer que os elementos linguísticos que compõem a estrutura textual devem ser ignorados. As estratégias funcionam em co-participação com outros fatores na criação de sentido.

Nas aulas de Língua Inglesa do Ensino Médio Técnico, tais estratégias assumem um grande papel perante a leitura de textos, uma vez que os alunos desse nível de ensino possuem, ainda que não o suficiente, certa carga lexical, sintática e morfológica. Nesse sentido, Brown (2007) aponta estratégias de compreensão textual que podem ser implementadas nas ações didáticas dos professores de Língua Inglesa. Dessas estratégias, podemos citar *skimming*, *scanning*, *inference and prediction*^{2*}. Brown (2007) aponta a relação das estratégias *skimming* e *scanning*. O autor afirma que

Skimming consiste em olhar rapidamente um texto (tais como redações, artigos ou capítulos de livros) por inteiro para obter informações gerais. *Skimming* possibilita a vantagem do aluno prever o propósito da mensagem. (...) *Scanning* consiste em procurar rapidamente por informações específicas. O propósito da estratégia *scanning* é obter informações específicas do texto sem precisar fazer a leitura na íntegra do mesmo. (BROWN, 2007, p.368, tradução minha)

No cotidiano escolar, observa-se que grande parte dos alunos utiliza *skimming* e/ou *scanning* com muita frequência para a realização de atividades de interpretação textual em Língua Inglesa, bem como é notória a ênfase que os professores atribuem a essas duas estratégias de leitura. Contudo, outras técnicas de interpretação, tais como, *prediction* e *inference* tornam-se opacas aos olhos de alguns educadores. Entretanto, tais estratégias de leitura são de grande importância para a compreensão de um texto em Língua Inglesa.

Em relação ao processo de *inference*, Brown (2007) destaca que o conhecimento de determinadas palavras ou estruturas podem auxiliar no descobrimento dos significados de outras não conhecidas pelo leitor. Em relação à estratégia *prediction*, Brown (2007) declara que “o leitor possui um *schema theory*, que representa as informações, conhecimentos, emoções, experiências e cultura que o próprio leitor lança mão para assisti-lo na construção de sentido do texto” (BROWN, 2007, p.358, tradução minha). Dessa forma, o autor ressalta a relevância de o leitor levar em consideração todos os elementos contidos em um texto, tais como títulos, gráficos, imagens e as experiências pessoais do próprio leitor para prever o que será abordado em um determinado enunciado.

Revisitando a definição de hipertexto dada por Snyder (1997) apud Xavier (2003) de que o hipertexto é um arcabouço com blocos de textos conectados por nós, inferimos que o hipertexto oferece diferentes maneiras de caminhar entre os textos que o compõem, possibilitando um processo de leitura caracterizado pela multiplicidade linguística e pelas

^{2*} A utilização dos termos em Inglês deve-se ao fato da manutenção da originalidade das estratégias de leitura apresentadas pelo autor

inúmeras formas de construção de sentido de um determinado enunciado. Isso pode ser evidenciado nos dados coletados nesta pesquisa, os quais apontam o uso das estratégias de leitura, ainda que não referenciadas com a devida nomenclatura, o que também não apresenta interferência no estudo, *Skimming*, *Inference* e *Prediction* para a construção de sentido dos hipertextos.

Entretanto, trazer a leitura em hipertexto para as aulas de Inglês do Ensino Técnico constitui um imenso desafio visto que muitas instituições não possuem o espaço físico necessário, a saber, laboratórios equipados com computadores e projetores multimídias, internet com a velocidade necessária para a realização das atividades propostas, suporte técnico e materiais de consumo para a realização de atividades em um ambiente virtual etc. Apesar de todos os impasses tecnológicos e infraestruturais, a leitura em hipertexto pode ser compreendida como um propósito de leitura autêntica e polidirecional. Em razão desta autenticidade de leitura, Celce-Murcia aponta que

As urgências naturais de leitura dos alunos precisam estar relacionadas com informações de propósitos autênticos. Os educandos necessitam de contextos genuínos de comunicação [...] A Internet passa a ser a ponte de troca de informações. (CELCE-MURCIA, 2001, p.166, tradução minha)

Assim, as práticas leitoras devem proporcionar contextos reais e significativos para construção de sentido, ou seja, o acesso às informações autênticas, tais como revistas e jornais eletrônicos, periódicos online e redes sociais pode contribuir para o desenvolvimento de suas estratégias de leitura.

Nessa perspectiva, os educandos do Ensino Técnico necessitam de maior interação com o mundo externo, uma vez que, entre algumas características da formação técnica, destaca-se a preparação do alunado para o mercado de trabalho. O hipertexto, nesse aspecto, transforma-se em um elemento inovador nas práticas de sala de aula, contribuindo para uma leitura autêntica, moderna, interativa e construtora de sentido, visto que a leitura hipertextual é dada em um ambiente *online* onde os leitores encontram-se conectados à rede mundial de computadores, ou seja, a um contexto real constituído por usuários que tem acesso a *sites*, redes sociais, entre outros, e que podem realizar a troca de diferentes tipos de informações, experiências e culturas.

3.2 Relação entre Texto e Leitor

Nas seções anteriores, trouxemos para discussão as teorias sobre o processo de leitura. Logo, neste momento da pesquisa, surge a necessidade de expandirmos o debate considerando dois importantes componentes envolvidos nesse processo: o texto e o leitor. Esta pesquisa não pretende identificar isoladamente características ou funções inerentes a ambos constituintes do processo de leitura, mas sim correlacioná-los de forma a compreender melhor a relação entre eles, uma vez que, inicialmente, tanto o texto quanto o leitor parecem exercer entre si um vínculo de dependência, uma vez que, revisitando as características dadas ao processo de leitura, Leffa (1996) firma que tanto o texto quanto o leitor não podem ser analisados como partes indissociáveis.

Essa forte relação entre texto e leitor ultrapassa os limites das palavras, frases e linhas contidas em um fragmento textual. É preciso compreender que o texto vai além da sistematização dos elementos nele encontrados. Nesse sentido, Xavier (2003) aponta que

O texto não pode mais ser visto apenas como um conjunto de frases encadeadas em macroestruturas centradas no desenvolvimento de tópicos

que progridem nas suas relações tema-rema ou tópico comentário. Hoje não é mais possível sustentá-lo apenas como tecido linguístico dotado necessariamente de coesão e coerência, apoiado pelos demais fatores de textualidade (situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, entre outros) que, assim, comporiam o conjunto de suas qualidades intrínsecas (XAVIER, 2003, p.21).

Nessa perspectiva, o texto passa a ser considerado não mais como objeto final ou produto acabado, mas sim como objeto em constante evolução, uma vez que cada texto configura-se diferentemente aos olhos de seus leitores, ou seja, os fatores de textualidade podem ser reinterpretados à medida que o leitor entra em consonância com o próprio texto. Nesse contexto, leitor e texto caminham paralelamente no processo de construção de sentido. Dessa forma, tanto o texto quanto o leitor possui papel fundamental na criação de sentido. Ferreira e Dias destacam que

O significado não está embutido ou inscrito totalmente no texto oral ou escrito. Embora o texto carregue um sentido pretendido pelo autor, ele é polissêmico e, como tal, oferece possibilidades de ser reconstruído a partir do universo de sentidos do receptor, que lhe atribui coerência através de uma negociação de significados (FERREIRA e DIAS, 2004, p.440).

Na leitura, os caminhos que cruzam texto e leitor são vias de múltiplas direções, uma vez que o encontro desses dois elementos gera confrontos e combinações que se relacionam com a intencionalidade do autor do texto e todo o universo que circunda o agente leitor.

Observando as práticas de leitura e a relação entre texto e leitor, entende-se que o processo que envolve o ato de ler não se remete apenas às questões linguísticas, socioeconômicas, políticas ou culturais. Pode-se ainda analisar a ligação entre texto e leitor psicologicamente, principalmente, no que diz respeito à atribuição de significado no processo de leitura. Complementando a ideia de Ferreira e Dias sobre a relação entre texto e leitor, Hilleshein et al. (2011) apontam três diferentes níveis atribuídos ao ato de ler. O primeiro referente ao mecanismo de alfabetização, o segundo à noção de colher do texto algo pré-determinado, e o terceiro relacionado com a apropriação do texto por parte do leitor, no sentido de roubar do texto o significado inicial que o autor havia lhe dado. Neste momento, o foco da discussão se volta para o último nível do processo de leitura, a atribuição de significado ao texto. Eco (1993), citado por Hilleshein et al. (2011), contrapõe duas possibilidades radicais:

Uma que considera que a interpretação está colocada inteiramente ao lado do leitor, enquanto outra entende que é necessário descobrir a intenção original do autor. Entre essas duas alternativas, coloca uma terceira possibilidade: a intenção do texto. A respeito desta última, assinala que não se trata de encontrar o que o autor quis dizer, mas o que o texto traz, independentemente das intenções do mesmo (ECO, 1993, p.75, apud HILLESHEIN et al., 2011, p.309).

Suponho que, na interligação entre o autor do texto e o leitor, existe uma disputa de forças que não necessariamente representam uma rivalidade, mas que conduzem a um produto obtido através da produção de sentido do texto em questão. Dessa forma, o texto assume uma posição de neutralidade em referência ao autor do texto e o leitor. Entretanto, Hilleshein et al. apontam que

É difícil discernir se aquilo que, supostamente, o texto diz, é decorrente de sua coerência textual e de um sistema de significação subjacente ou está

relacionado com o sistema de expectativas de seus destinatários. Dessa maneira a intenção do texto não pode ser desvinculada do leitor (HILLESHEIN et al, 2011, p. 309).

Nota-se que as autoras procuram atribuir ao leitor uma parte da atribuição de significado do mesmo, já que elas apontam a dificuldade de diferenciar a própria intencionalidade do texto, apresentada por Eco, com as próprias expectativas de seus leitores.

É importante destacar que as observações feitas por Xavier (2003) de que o texto representa muito mais do que um simples elemento linguístico dotado de coerência e coesão encontram-se intimamente ligadas às colocações trazidas por Eco (1993) e por Hilleshein et al. (2011), já que essas últimas autoras observam o fenômeno da leitura como uma associação entre autor, texto e leitor, destacando em sua pesquisa a correlação entre texto e leitor. Dessa forma, aprofundar-se nas discussões sobre o ato de ler possibilita uma melhor compreensão do processo de leitura e suas propriedades.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, discutiremos os resultados dos dados coletados ao longo desta pesquisa com os discentes do Módulo Básico do Curso Técnico em Enfermagem da ETSC. Para uma melhor apresentação dos resultados obtidos nesta pesquisa, discutiremos separadamente sobre os dados coletados através do Questionário 1 e do Questionário 2, respectivamente.

O Questionário 1 contextualizou a familiarização entre os estudantes do Curso Técnico em Enfermagem e as Tecnologias da Informação e Comunicação.

Para preservar o anonimato dos respondentes da pesquisa, os participantes serão representados pela letra P – de participante – e por um número, por exemplo, P1, P2 e assim sucessivamente.

Em relação à faixa etária dos participantes do estudo, dos 025 estudantes, 19 tem entre 17 e 21 anos, 04 alunos entre 22 e 26 anos e 02 entre 27 e 31 anos de idade. A referida divisão das faixas etárias deu-se pelas características heterogêneas do curso subsequente. O gráfico abaixo demonstra o percentual dos estudantes em cada faixa etária.

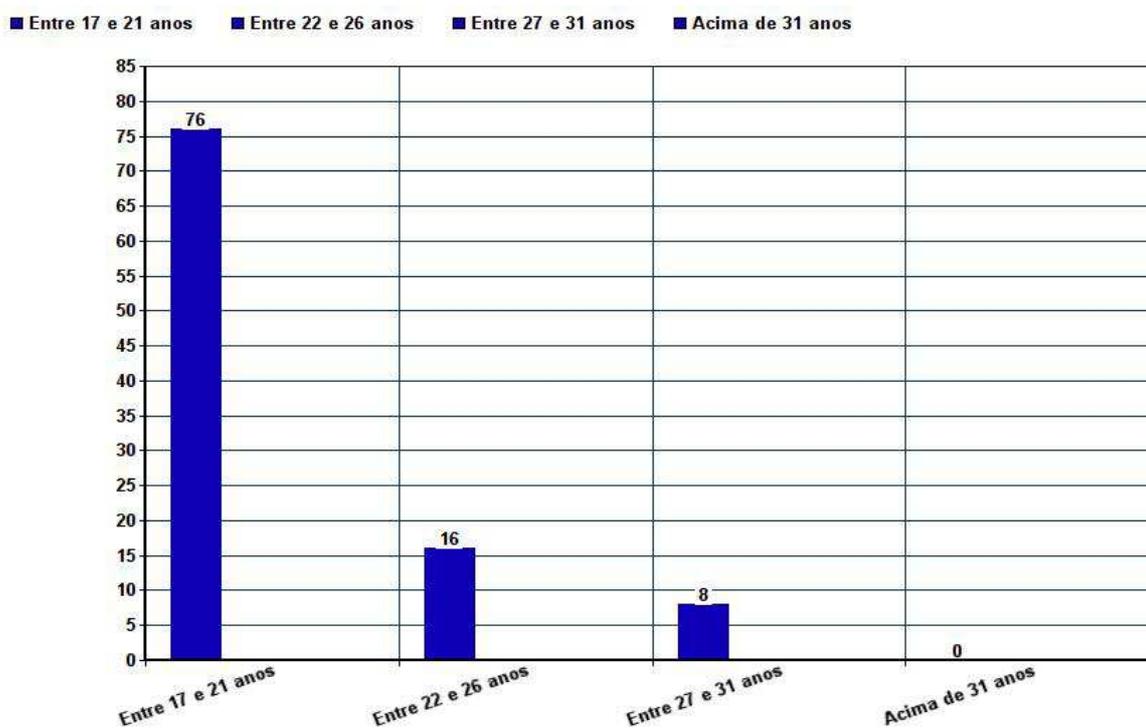


Gráfico 03: Percentual de alunos em cada faixa etária

Do percentual total dos participantes, destacam-se, numericamente, os alunos entre 17 e 21 anos. A concentração dos estudantes nesta faixa etária pode ser justificada pelo fato de que o Curso Técnico em Enfermagem da ETSC é de caráter subsequente, sendo procurado por jovens recém formados no Ensino Médio. Os dados coletados acerca da faixa etária forneceram-nos subsídios para melhor entendermos a correlação entre o uso das ferramentas tecnológicas, tais como, computadores, celulares, notebooks e Internet em cada grupo etário.

Na seção 2, referente às percepções dos estudantes em relação às Tecnologias da Informação e Comunicação, constatamos que 100% (cem por cento) dos participantes consideram-se inseridos tecnologicamente. Esse percentual totalitário nos permite pressupor

que a facilitação do acesso as TIC, bem como a expansão da Internet pelo território brasileiro contribuíram para a inserção das pessoas no universo tecnológico. Os trechos a seguir representam as justificativas dadas por dois discentes para a questão 2.

P1: O fator que contribuiu para minha inserção no cenário tecnológico foi o acesso a Internet, celular, computador, televisão entre outros.

P2: O maior fator que contribuiu para minha inserção no cenário da tecnologia é a Internet e o celular.

Verifica-se que o P1 elenca uma série de Tecnologias da Informação e Comunicação que sustentam sua inserção no meio tecnológico. O fato que nos chama atenção é a colocação do televisor como uma TIC, embora saibamos que ela também é considerada uma destas tecnologias. Logo, a surpresa configura-se no fato de poucos participantes terem colocado a televisão como um dispositivo tecnológico. Percebe-se ainda, que ambos os pesquisados citam o acesso a Internet e ao celular como principais fatores para a inserção dos indivíduos no cenário tecnológico. Infere-se que os estudantes atribuem ao termo inserção apenas o processo de instrumentalização dos sujeitos com estas tecnologias, desconsiderando outras questões que circundam a inclusão destas pessoas ao mundo digital. As justificativas apresentadas pelos participantes da pesquisa corroboram com os dados apresentados pela pesquisa TIC Domicílios (2014) do Comitê Gestor da Internet no Brasil, que apontam que o uso do celular para o acesso à rede mundial de computadores vem crescendo significativamente nos últimos anos.

Quando perguntados sobre quais Tecnologias da Informação e Comunicação os participantes utilizam com maior frequência, oito dispositivos foram citados. São eles: Celular, Computador, Notebook, Televisão, Projetor Multimídia (citado pelo participante como *datashow*) Internet, redes sociais e sites de pesquisa. O gráfico a seguir representa o número de participantes que citou cada um destes dispositivos em suas respostas.

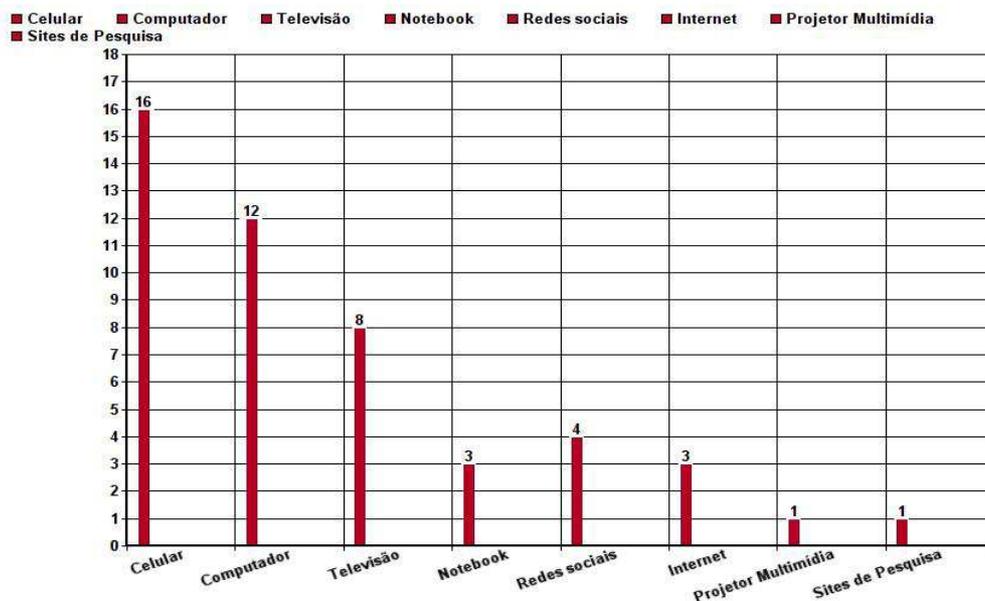


Gráfico 04: Número de participantes para cada dispositivo citado em suas respostas

O dispositivo mais citado pelos estudantes foi o celular, seguido do computador, da televisão e do notebook. A supremacia do celular como dispositivo mais utilizado não foi

surpreendente, visto que poucos ou raros são os jovens que não possuem um aparelho celular. Entretanto, o que nos chamou a atenção foi a discrepância entre o número de alunos que disseram utilizar o celular e o computador. Esse *gap* entre ambos os dispositivos, nos leva a considerar a emergência de novos celulares, conhecidos como *smartphones*, que integram em um mesmo aparelho o sistema operacional de um computador e as configurações telefônicas de um celular. Quanto à televisão, cabe destacar que quase todos os lares brasileiros possuem ao menos um aparelho televisor, mas o que nos instigou na questão foi o baixo número de participantes que citaram o televisor como uma TIC utilizada com frequência. Este número reduzido pode ser explicado pela percepção equivocada de que o aparelho televisor não pode ser considerado uma tecnologia. Essa percepção pode ser o fruto de uma geração que considera a televisão uma ferramenta antiga, se comparada com o advento dos modernos *smartphones*. Contudo, o mercado e a indústria dos televisores vêm trazendo novos conceitos de aparelhos, as chamadas *smarTVs* que acoplam em um mesmo dispositivo as características de um televisor, o sistema operacional de um computador e o acesso à Internet.

Ainda em relação à questão 3, em resposta à pergunta, foram citados como dispositivos tecnológicos usados com frequência a Internet, as redes sociais e sites de pesquisa. Observa-se que os participantes da pesquisa subdividiram o espaço da rede mundial de computadores em atividades realizadas nesse ambiente. Logo, para 4 alunos a rede social representa um dispositivo de acesso à tecnologia, enquanto para 1 aluno os sites de pesquisas são também considerados uma ferramenta tecnológica. Acredita-se que em ambas as atividades, os estudantes possam estar manifestando o acesso à Internet como uma Tecnologia da Informação e Comunicação. Na Questão 7, verificaremos com mais detalhes o uso da Internet. Finalmente, apenas um participante apontou o projetor multimídia como um dispositivo tecnológico utilizado com frequência. Neste momento, cabe destacar o contexto da sala de aula em que os alunos do curso técnico em enfermagem encontram-se inseridos. O ambiente de estudo, a sala de aula, possui à disposição uma televisão, um *DVD player*, um *CD player*, uma caixa de som e um projetor multimídia. Nesse sentido, a colocação do *datashow* como tecnologia utilizada no cotidiano demonstra a instrumentalização do próprio curso diante das novas tecnologias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem.

Os dados acima demonstram a diversidade das Tecnologias da Informação e Comunicação utilizadas pelos participantes deste estudo, assim como a versatilidade do uso que cada um destes dispositivos pode apresentar.

A Questão 4 encontra-se intimamente ligada à Questão 3, visto que neste momento indagamos aos participantes sobre as vantagens e desvantagens da utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação. Dentre as vantagens citadas pelos estudantes verificamos aspectos referentes à velocidade e ao acesso à informação, como podem ser observados nos dois trechos abaixo:

P3: A vantagem é a facilidade de ter mais acesso à informação...

P4: A vantagem é por saber rapidamente das notícias diárias de qualquer lugar do mundo.

A utilização das TIC representa, nos trechos acima, a essência de seu conceito, ou seja, um instrumento de acesso à informação e à comunicação. Além disso, tanto P3 quanto P4 enfatizam o caráter informativo das TIC. Todavia, é possível também observar na resposta do P5 o aspecto comunicativo destas tecnologias.

P5: As vantagens são: a facilidade de se comunicar e de saber notícias de todo o mundo.

Além disso, obtivemos respostas as quais nos levaram a analisar aspectos didáticos do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação conforme pode ser notado na resposta do P6:

P6: Vantagens: ajuda muito no aprendizado, sem falar que é uma forma mais rápida de ter acesso a determinado assunto.

Pode-se aferir do trecho que o termo “aprendizado” denota a perspectiva acadêmica do uso das tecnologias, uma vez que o participante complementa sua resposta com o termo “assunto”, o que nos leva a supor que o participante faz o uso das TIC para realização de seus estudos do próprio curso técnico.

A pesquisa TIC Domicílios (2014) aponta, também, o entretenimento como propósito do uso dos dispositivos tecnológicos. Na resposta P7, corroboramos com os dados apresentados pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, que apresenta uma série de atividades recreativas realizada pelos usuários da rede, tais como ouvir músicas, assistir filmes e séries, ler livros, participar de redes sociais, entre outros.

P7: Algumas vantagens são o acesso à informação, diversão, entretenimento, etc...

Embora poucos estudantes tenham citado o entretenimento como uma vantagem da utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação, são notórias as atividades recreativas realizadas pelos usuários das TIC. Essas evidências intensificaram-se com as respostas da questão 5, na qual a indagação feita foi acerca das atividades realizadas no ambiente da grande rede mundial de computadores.

Na busca de uma investigação mais abrangente sobre a percepção dos alunos do Curso Técnico em Enfermagem da ETSC, perguntamos sobre a inserção de novas tecnologias no processo de formação técnico-profissional. A questão apresentou uma resposta binária: SIM ou NÃO, e outra pergunta que sustentasse a escolha de uma das alternativas assinaladas. Em um total de 025 (vinte e cinco) participantes, constatamos que 023 optaram SIM e apenas 02 (dois) disseram NÃO perceber no seu curso a inserção de novas tecnologias. O gráfico abaixo demonstra o percentual de alunos em cada uma das alternativas apresentadas:

■ SIM ■ NÃO

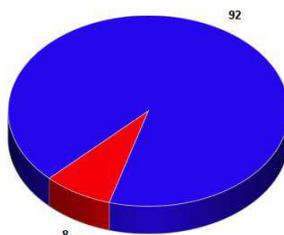


Gráfico 05: Percentual de alunos para cada alternativa da questão 5

No embasamento da alternativa SIM, assinalada pelos estudantes, observamos que os mesmos descreveram algumas ferramentas tecnológicas inseridas nas atividades técnicas do próprio curso. Entre as ferramentas elencadas, percebemos a presença de algumas delas em mais de uma resposta, por exemplo, computadores, *datashow* e vídeos. Dessa forma, percebe-se que os alunos identificaram em seu curso, elementos que fazem parte do contexto de sala de aula, uma vez que a sala de aula do Módulo Básico contém todos esses aparelhos. Logo, a percepção dos estudantes em relação às TIC e o processo de formação técnico-profissional fundamentou-se, também, no espaço físico em que esses alunos encontram-se inseridos.

Além disso, constatamos que alguns participantes responderam a pergunta apresentando uma perspectiva mais didática e pedagógica. Verificamos como ferramentas

tecnológicas o uso de slides por professores e alunos, vídeo aulas e a utilização de *pendrives* para armazenamento de arquivos.

Ademais, averiguamos respostas em que os estudantes destacaram o caráter acadêmico da inserção das novas tecnologias no Curso Técnico em Enfermagem da ETSC. A resposta P8 demonstra esse caráter:

P8: É uma forma de pesquisar trabalhos como: artigos, normas de trabalho entre outros.

Interpreto que a resposta P8 esteja voltada para a utilização do computador para fins acadêmicos, já que o estudante destaca os termos “pesquisar”, “artigos” e “normas de trabalho”, ou seja, tarefas de escola que usualmente são executadas com o auxílio do computador.

Em outra resposta, evidenciamos o aspecto que mais poderia se aproximar do contexto da atuação profissional de um técnico em enfermagem. O trecho apresentado pelo P9 pode ser visto a seguir:

P9: Todas as informações dos pacientes são armazenadas no computador, rápido e prático.

O fato que chama a atenção não é o computador como ferramenta tecnológica inserida no curso técnico, já que muitos alunos o citaram como uma tecnologia inserida no curso. O destaque da afirmação gira em torno da funcionalidade deste dispositivo, o que nos leva a considerar a visão técnico-profissional apontada pelo participante.

Em relação aos dois participantes que assinalaram NÃO como resposta, um estudante não descreveu nenhuma justificativa para sua resposta, enquanto o outro embasou sua resposta com a seguinte afirmação:

P10: No momento o curso dispõe de poucas inovações tecnológicas.

A afirmação P10 revela que apesar da negativa assinalada, o fato do participante dizer que existem poucas inovações tecnológicas em seu curso nos remete a pensar sobre a existência de alguma tecnologia no curso, mesmo em pouca relevância para o estudante.

Na Seção 3, voltamos os olhares da pesquisa para o ambiente da *Internet*. Reservamos um espaço particular para o tema, pois o objeto de investigação deste estudo está voltado para a leitura de hipertextos em Língua Inglesa, ou seja, um mecanismo que se encontra ligado ao ambiente virtual. As questões 6 e 7 destacam a frequência do uso da *Internet* bem como as atividades. Em relação à frequência de acesso a esse ambiente, constatamos que dos 025 (vinte e cinco) participantes da pesquisa, 021 (vinte e um) dizem acessar a rede todos os dias, enquanto 4 (quatro) relataram utilizar a *Internet* às vezes. O gráfico a seguir representa o percentual de cada frequência assinalada no estudo.

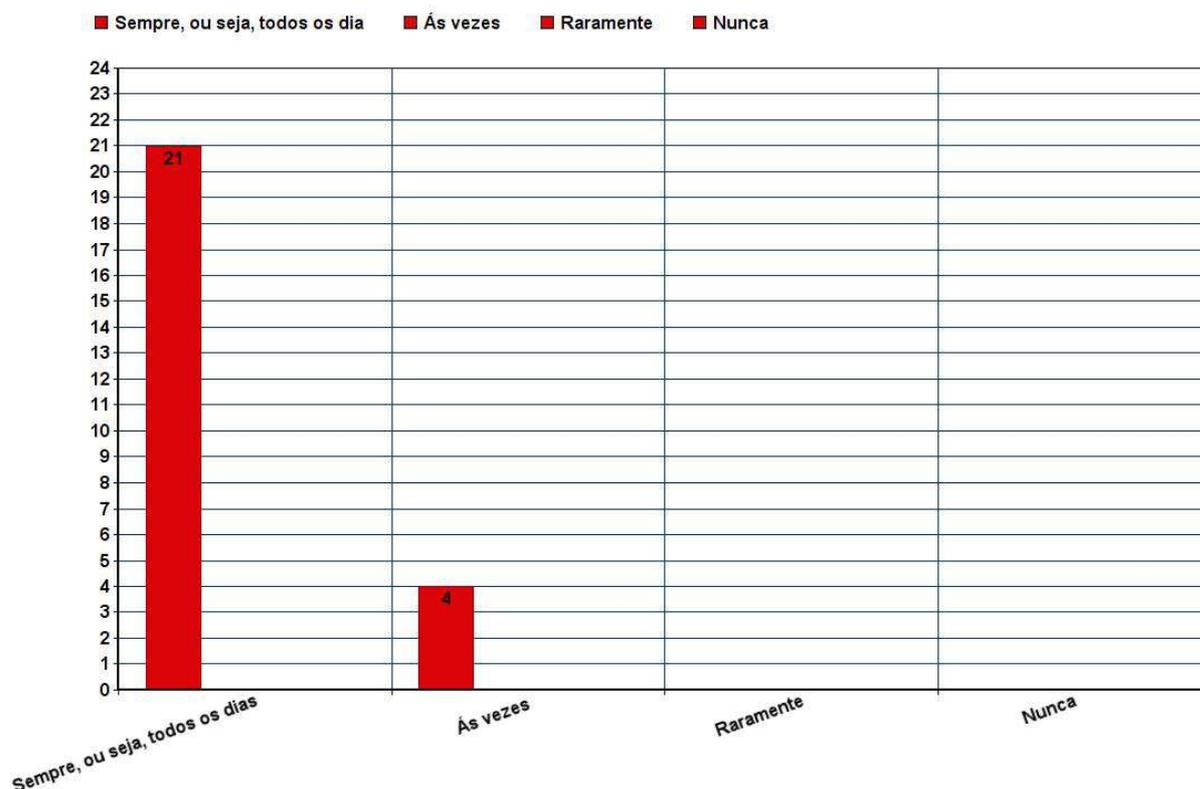


Gráfico 06: Percentual de alunos em relação á frequência de acesso a internet.

Em relação às atividades realizadas na Internet, verificamos que as tarefas em destaque foram acessar as redes sociais, enviar e receber email, assistir a vídeos e ler notícias em sites, blogs, revistas e jornais. O gráfico abaixo demonstra as atividades realizadas pelos participantes do estudo na Internet.

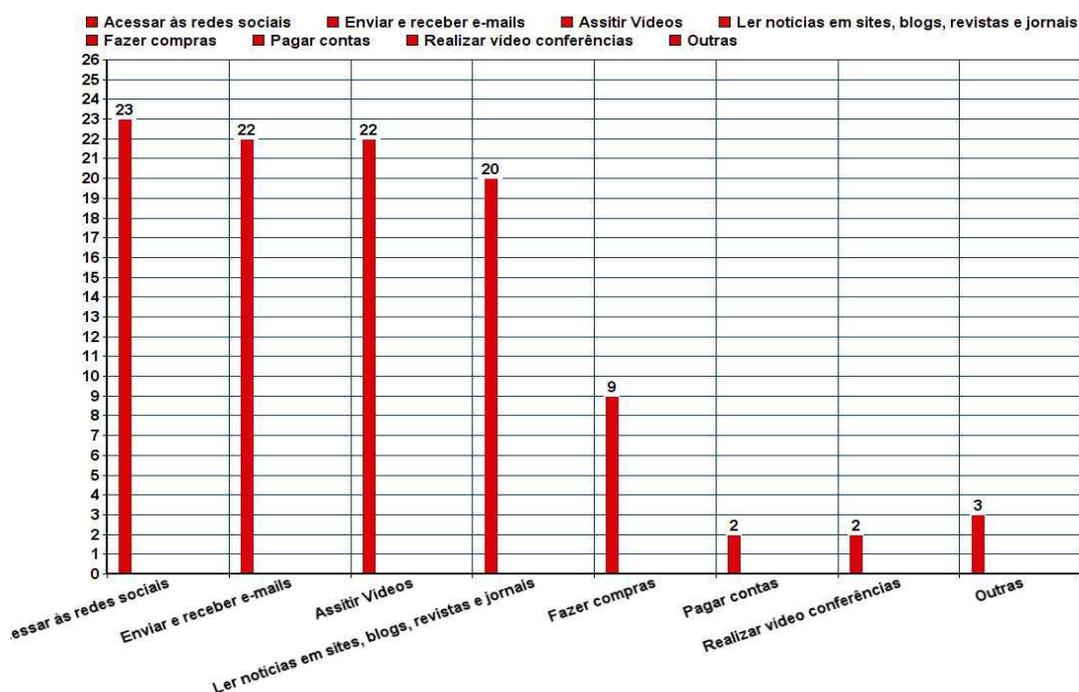


Gráfico 07: Relação entre o número de alunos e as atividades por eles realizadas na internet

Os dados apresentados acima nos permitem ratificar as informações do Comitê Gestor da Internet no Brasil em sua pesquisa TIC Domicílios (2014), que aponta o acesso as redes sociais como uma das atividades que lideram a lista de tarefas realizadas nesse ambiente.

Entretanto, o destaque foi o número de estudantes que utilizam a espaço virtual para ler notícias em sites, blogs, revistas e jornais, totalizando 80 % (oitenta por cento) dos alunos perguntados, já que a pesquisa TIC Domicílios (2014) aponta o número de 53 % dos usuários da Internet. Essa distância de 27 pontos percentuais pode estar diretamente relacionada com as características específicas do grupo pesquisado, tais como, a faixa etária e o grau de escolaridade do alunado, ou ainda com os investimentos que o governo vinha investindo na inclusão digital, visto que a pesquisa TIC Domicílios foi publicada em 2014. Assim, de 2014 para 2016, o número de pessoas que se sentem à vontade nessas atividades pode ter aumentado. Além disso, o grande número de participantes que realizam leituras no espaço da *Internet* revela que esse grupo encontra-se em constante contato com informações sobre a tela de um dispositivo conectado à rede, caracterizando nesse sentido o uso de hipertextos, fato que nos levou a investigação sobre as práticas leitoras dos estudantes em textos impressos e em hipertextos.

A seção 4 do Questionário 1, composta pela questão 8, voltou sua atenção para a percepção dos estudantes em relação ao uso das novas tecnologias na formação técnico-profissional do próprio curso. A questão foi apresentada com duas alternativas de respostas, SIM ou NÃO, seguido de outra pergunta que sustentasse a alternativa assinalada. Dos 025 estudantes, todos apontaram a importância do uso das TIC para sua atuação profissional. As justificativas que os alunos utilizaram para embasar o “SIM” como resposta demonstraram uma visão voltada para a funcionalidade das TIC na área da saúde. As respostas P11 e P12 apontam a importância que os estudantes atribuem ao uso das novas tecnologias.

P11: Pelo fato de trabalharmos diretamente no manuseio de computadores, verificando informações e armazenando-as. Agora, as informações dos pacientes são, em sua maioria, computadorizadas.

P12: O uso das tecnologias nos permite descobertas científicas que podem trazer melhorias para saúde pública de nosso país.

Ressalta-se que P12 atribuiu às novas tecnologias um importante papel para o desenvolvimento da saúde no Brasil, uma vez que os estudos na área da saúde demandam o uso de equipamentos modernos que permitam novas descobertas científicas que, por sua vez, possam trazer à população brasileira tratamentos eficazes para determinadas doenças.

Portanto, os dados obtidos pelo Questionário1 permitiram-nos contextualizar a familiarização dos participantes da pesquisa com as Tecnologias da Informação e Comunicação. Nesse sentido, os materiais coletados apontaram que os estudantes do Curso Técnico em Enfermagem da Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras possuem forte relação com o uso das TIC tanto em suas práticas educacionais quanto em seus afazeres pessoais. Além disso, as informações extraídas do questionário corroboraram com as pesquisas nacionais sobre o uso das tecnologias, principalmente no que diz respeito ao acesso à Internet e as atividades realizadas neste ambiente. Entre as atividades realizadas na Internet, destacam-se o envio e recebimento de e-mails, a visualização de vídeos e a leitura de notícias em sites, revistas e jornais.

Nesse sentido, descobrimos que a maioria dos estudantes realiza suas práticas leitoras no ambiente da Internet, ou seja, essa descoberta apresenta uma notável representação para a investigação de nossa pesquisa, já que este estudo pesquisou sobre as práticas leitoras de Língua Inglesa em textos impressos e hipertextos.

Enquanto o Questionário 1 ocupou-se em analisar a relação entre os estudantes do Curso Técnico em Enfermagem da ETSC com as Tecnologias da Informação e Comunicação, o Questionário 2 teve como finalidade o posicionamento dos alunos em relação a leitura de textos impressos e hipertexto, para analisarmos as semelhanças e divergências de ambas as práticas leitoras com base no aporte teórico desta pesquisa. Vale ressaltar que aos

participantes foi designada a letra *P*, maiúscula em itálico, seguida de um número para manutenção do anonimato dos mesmos.

No tocante à Seção I, que se ocupou em investigar a relação entre os estudantes do Curso Técnico em Enfermagem da ETSC e o hipertexto. A questão pode ser vista a seguir:

Questão 1. *Você conhecia a leitura de hipertextos antes da realização da atividade no laboratório de informática? Caso SIM, em que situação você lê hipertextos?*

Verificou-se que, quando perguntados sobre o conhecimento prévio da leitura de hipertextos, 013 (treze) alunos disseram ter conhecido esse tipo de leitura antes da realização das aulas no laboratório de informática, enquanto 06 (seis) alunos relataram que não conheciam a leitura hipertextual. Isso indica que, aproximadamente, 68 por cento dos sujeitos conheciam a leitura de hipertextos da realização das aulas desta pesquisa.

A Questão 1 ainda indagava em que situação o estudante realizava leitura hipertextual. Dos 13 alunos que marcaram SIM como resposta, 06 (seis) disseram realizar a leitura hipertextual na realização de trabalhos acadêmicos, conforme pode ser visto nas respostas do P1, P2 e P3:

P1: Sim. Realizo a leitura de hipertextos quando vou fazer pesquisas para trabalhos exigidos no curso.

P2: Sim. Quando leio alguma temática em sites para produção de trabalho, atividade e etc.

P3: Conhecia, mas não com esse nome. Sempre li informações em sites de pesquisa. Achava que seria uma leitura comum.

Os alunos que responderam SIM descreveram praticar a leitura de hipertextos na realização de trabalhos acadêmicos. Dessa maneira, nota-se que esses estudantes utilizam a *Internet* como suporte para suas pesquisas, como pode ser visto na resposta do P2, que diz utilizar o espaço da *web* como fonte de pesquisa. Embora, o P3 ter realizado a leitura de hipertextos, o mesmo desconhece o termo técnico para essa prática leitora. Ademais, sua afirmação aponta que o participante caracterizou a leitura de hipertexto como uma leitura comum, o que pode se inferido como seu contexto diário de leitura, tais como, a leitura de livro, jornais, revistas, ou seja, textos impressos.

No entanto, 05 (cinco) alunos disseram realizar esse tipo de atividade em leituras de informações contidas em websites. Esse grupo de alunos não especificou a finalidade da leitura de textos online. Entretanto, inferenciando uma das respostas, pode-se destacar que os propósitos de leitura podem ser de caráter informacional, ou ainda, acadêmico. Essa resposta pode ser observada a seguir:

P4: Utilizo a leitura de hipertextos ao acessar sites como, Google, Globo, Portal UFCG, etc.

Dois alunos declaram realizar a leitura de hipertextos ao acessar as redes sociais. O P5 relata essa atividade:

P5: Sim. Quando estou utilizando as redes sociais.

Nesse sentido, o contexto de leitura de hipertextos dos 013 (treze) alunos que disseram ter tido conhecimento desta prática leitora antes da realização das aulas demonstra uma diversidade no uso do hipertexto no dia-a-dia dos estudantes. Entretanto, acredito que a utilização de textos em *websites* para a realização de atividades acadêmicas possa revelar o autêntico cenário da prática leitora de hipertextos dos alunos do Curso Técnico em Enfermagem da ETSC.

Em relação à Questão 2 referiu-se à preferência do uso de textos impressos e hipertextos nas práticas leitoras dos estudantes do curso, como pode ser observada abaixo:

Questão 2. *Em suas práticas leitoras cotidianas, você prefere utilizar textos impressos ou hipertextos? Por quê?*

Dos 19 estudantes, 12 disseram preferir o texto impresso no dia-a-dia, ao passo que 07 optaram pelo hipertexto em suas práticas leitoras. Como preferência aos textos impressos destacam-se as justificativas abaixo:

P6: Impressos. Porque é bem mais prático e posso levá-lo para onde eu quiser.

P7: Impressos, pois consigo estudar melhor. Risco partes do texto e faço anotações.

P8: Impressos, pois consigo ter mais atenção ao conteúdo, sem falar que também os textos impressos não prejudicam tanto a visão.

As respostas dos estudantes acima demonstram diferentes aspectos da leitura de textos impressos. Primeiramente, observa-se a praticidade do texto colocado no papel. Essa praticidade pode ser fruto da familiarização que os alunos do curso possuem com esse tipo de texto. Entretanto, outro fator que pode ser levado em consideração é a resistência face às novas tecnologias. Paiva (2012) diz que “apesar da resistência natural às inovações, parece que as ferramentas digitais têm sido progressivamente incorporadas em diferentes tipos de contextos de aprendizagem” (PAIVA, 2012 p.15). Essa resistência natural pode ser interpretada como um obstáculo frente às mudanças que a sociedade contemporânea vem enfrentando, principalmente no que concerne as Tecnologias da Informação e Comunicação. Nesse sentido, é percebido um anseio, ou ainda, certo medo ao utilizar as TICs, seja por questões operacionais, como, por exemplo, o manuseio de computadores, *softwares* e aplicativos, ou por de segurança e privacidade.

Na resposta do P7 constatou-se a maneabilidade que o texto impresso oferece aos seus leitores. No papel, é possível grifar, destacar e sublinhar informações, criando uma atmosfera interativa única entre texto e leitor. Dessa maneira, a leitura somente tem sentido quando o processo de interação entre o leitor e o texto demonstra sintonia e afinidade um com outro (Leffa,1996).

Outra justificativa para a preferência do texto impresso que chamou atenção deste trabalho foi a associação entre a leitura na tela do computador e o surgimento de distúrbio na visão. Na verdade 03 (três) alunos relataram sentir desconforto ou incômodo em realizar qualquer tipo de leitura sobre um monitor. Isso pode ser explicado pelas configurações de cor e brilho que o computador possui, visto que a intensidade luminosa é visivelmente maior no vídeo do que na folha de papel.

A Seção II do Questionário 2 encarregou-se de analisar as estratégias de leitura em textos impressos e hipertexto. A Questão 3 indagou sobre a existência ou não de diferenças e/ou semelhanças entre a leitura de um texto no papel e de hipertextos. A pergunta seguiu o padrão binário de respostas, SIM ou NÃO. Caso SIM, quais seriam, como pode ser vista abaixo:

Questão 3. *Em sua opinião, existem diferenças entre a leitura em Língua Inglesa de textos impressos e de hipertextos? Quais são elas? E semelhanças? Você poderia apontar algumas?*

Do total de 19 alunos, 16 responderam que existem diferenças, 1 aluno disse que existem diferenças e semelhanças e 2 disseram não existem diferenças. Das diferenças, destacam-se as respostas de P9, P10 e P11.

P9: Sim. O hipertexto trás [sic] informações a mais que o texto impresso. O impresso torna-se limitado e o hipertexto algo mais aberto.

As diferenças destacadas pelo participante acima podem ser esclarecidas pelo fato da leitura de hipertextos ser caracterizada pelo arranjo de informações que possibilita a criação de uma leitura não-linear, que por sua vez, pode alcançar distantes contextos (Snyder 1997).

Dessa forma, o leitor seria o gerenciador de um espaço aberto às suas práticas leitoras, ou seja, ele teria a possibilidade de construir com autonomia seus próprios contextos no processo de leitura, passando por diferentes ambientes dotados de novos conteúdos e informações.

Outra diferença pode ser vista no *feedback* relatado pelo P10:

P.10: Sim. Os hipertextos têm mais informações, podemos entrar em outro texto, tem imagens e às vezes sons.

É possível observar que o estudante aponta uma das principais características apresentadas por Levy (1995), a da construção de uma rede através de conexões ou *links*. Ao acessar um determinado *link* dentro de um espaço na web, seja um texto, uma imagem ou vídeo, o leitor é remetido a outro espaço com novas informações, expandindo o processo de leitura a um novo ambiente.

Além disso, outra diferença apresentada por um estudante foi a particularidade da interação entre diferentes leitores que não estejam próximos uns dos outros.

P11: Sim. A diferença é que o hipertexto é mais amplo que o texto, e também posso compartilhar o texto através da web e fazer comentários no próprio site.

Nesse aspecto, o hipertexto permite a diminuição do tempo e das distâncias para a interação verbal entre os atores sociais, ou seja, o processo comunicativo torna-se ainda mais rápido e interativo (XAVIER, 2003). Apreende-se da resposta do participante que, diferente do texto no papel, o hipertexto, por estar inserido em um ambiente online, pode ser compartilhado com outros usuários da web em questão de segundos, mesmo que esses usuários estejam remotamente distantes.

O P12 disse que existem diferenças e semelhanças, como pode ser observado no fragmento a seguir:

P.12: A diferença é a quantidade de informação encontrada no texto do site. E a semelhança é a maneira que interpretei o texto no site e na folha.

O participante aponta a estratégia de leitura como a equivalência entre a leitura do texto impresso e no papel, ou seja, tanto no texto impresso quanto no hipertexto.

Dos alunos que disseram não haver semelhanças entre as duas práticas leitoras em questão, os mesmos não apontaram quaisquer diferenças entre o texto no papel e no ambiente online.

A Questão 4 perguntou sobre as estratégias de leituras utilizadas na leitura de hipertextos e no texto impresso, como pode ser observado a seguir:

Questão 4. Quais estratégias você utilizou na leitura para compreender o texto em Língua Inglesa proposto no papel? E no hipertexto?

Os participantes apontaram, ainda que não utilizando os nomes, certas estratégias de leitura, tais como, Skimming, Inference e Prediction. As respostas dos P13, P14 e P15 elucidam os resultados obtidos:

P13: Tanto no papel quanto no hipertexto, utilizei palavras parecidas com o português para entender os textos.

P14: No hipertexto e no texto impresso, primeiramente observei o título para saber o que o texto abordava e procurei por palavras que eu conhecia. Depois, usei as palavras cognatas para entender o texto.

P15: Palavras transparentes. No texto sobre a comercialização do leite nos Estados Unidos, eu conhecia um pouco sobre o processo de compra e venda pela Internet. Isso me ajudou a responder a primeira pergunta da atividade.

As respostas dadas pelos participantes apresentam diferentes estratégias de leitura utilizadas pelos alunos do Curso Técnico em Enfermagem da ETSC. Por exemplo, o P13 cita as palavras cognatas como recurso para melhor compreensão do texto. Já o P14 parte do título para compreensão do texto em geral. Ele também usa as palavras cognatas para auxiliá-lo na leitura do texto, caracterizando a estratégia *Inference*. Nesse sentido, as palavras semelhantes à Língua Portuguesa podem contribuir com uma melhor compreensão do texto (Brown, 2007). Destaca-se o fato de que todos os 19 participantes da pesquisa afirmaram em suas respostas utilizar as palavras cognatas na leitura de textos em Inglês. O fato que chama atenção na

resposta do P14 é a utilização das mesmas estratégias para a leitura do texto no papel e do hipertexto. Ademais, o participante utiliza a estratégia *Skimming*, visto que o mesmo busca uma visão geral do texto ao procurar superficialmente por palavras que já conhecia.

No tocante à resposta do P15, ressalta-se o uso de uma estratégia de leitura denominada *Prediction*. Brown (2007) afirma que “o conhecimento prévio nos auxilia na leitura de um texto. O conteúdo desse conhecimento inclui o que nós sabemos das pessoas, do mundo, da cultura, e do universo” (BROWN, 2007, p.359). Nesse sentido, conhecer o tema do texto possibilitou uma melhor interpretação das informações nele contidas.

Em relação à Questão 5, sobre os elementos textuais que auxiliaram na leitura do texto impresso e do hipertexto, do total de 019 (dezenove) alunos que responderam o Questionário 2, 016 (dezesesseis) assinalaram o SIM como resposta e 03 (três) apontaram o NÃO. A íntegra da pergunta pode ser vista abaixo:

Questão 5. *Os elementos textuais o auxiliaram na leitura do texto impresso em Língua Inglesa? E no hipertexto? Caso SIM, quais?*

Os estudantes que relataram que os elementos textuais auxiliaram em ambas as práticas leitoras justificaram suas respostas conforme pode ser visto nos trechos dos participantes a seguir:

P16: Sim, as imagens no site ajudam muito, e no texto da folha as palavras sublinhadas chamam atenção.

Vale destacar que o trecho acima demonstra dois elementos textuais distintos que ajudaram o participante a compreender melhor os textos lidos, as imagens e as palavras destacadas. Todavia, o estudante destaca as imagens contidas no site como um suporte diferente quando comparado com o texto no papel, embora exista a possibilidade de se ter um texto impresso com imagens ilustrativas.

P17: Sim. Em ambos os textos aproveitei as palavras cognatas. Os links do site também ajudaram, porque acessei outra página com a explicação da palavra marcada.

O comentário do P17 elucida a diferença entre o texto impresso e o hipertexto apontada por Xavier (2003). O hipertexto acentua a função e as vantagens da intertextualidade. Os *hiperlinks* levam o leitor, em questão de segundos, a outro conjunto de informações, sejam textos, imagens, sons e vídeos, possibilitando o acesso a um novo contexto e uma nova leitura (Xavier, 2003).

P18: No texto impresso os únicos elementos foram as palavras cognatas, semelhantes à Língua Portuguesa. No hipertexto foram as imagens, os links e os comentários ao lado do texto. O mouse também ajuda muito.

Apreende-se da resposta do participante que as palavras cognatas ainda são consideradas os elementos fundamentais da interpretação de um texto de Língua Inglesa, haja vista o número de alunos que apontaram essa mesma justificativa. Além disso, o estudante aponta os links como um elemento que o auxiliou em sua prática de leitura. Ao destacar os comentários como elementos de suporte à leitura, constata-se que o hipertexto demonstra um processo interativo entre seus leitores marcado por um ambiente dinâmico, já que conteúdo pode ser comentado por inúmeros leitores simultaneamente. Outrossim, essa interação entre os hiperleitores permite a abertura de um espaço para discussão e troca de ideias.

Os alunos que assinalaram negativamente a pergunta, não acrescentaram quaisquer informações

Na última questão da Seção II, perguntamos sobre as dificuldades na leitura do texto impresso e do hipertexto:

Questão 6. *Existiram dificuldades diferentes para ler o texto impresso e/ou o hipertexto? Caso SIM, quais?*

Dos 019 (dezenove) participantes, 014 (quatorze) alegaram não ter tido dificuldades para ler ambos os textos, 04 (quatro) disseram que tiveram contratempos e 01 (um) aluno não

respondeu à pergunta. Dos alunos que argumentaram positivamente a questão, salientam-se as respostas dos participantes abaixo.

P19: Sim. O texto impresso torna-se mais difícil pelos poucos elementos auxiliares, enquanto o hipertexto permite maiores recursos que auxiliarão na leitura.

P20: A dificuldade está no pouco conhecimento da Língua Inglesa. No texto impresso pouca coisa ajudou. No hipertexto, os elementos me ajudaram muito.

Em ambas as respostas, verifica-se que a diversidade de elementos textuais, ou melhor, hipertextuais, contidos no hipertexto contribui para maior facilidade da leitura em Língua Inglesa. Entretanto, a menor quantidade informacional no papel pode dificultar a construção de sentido dos textos nele encontrados. Além disso, o P20 aponta o pouco conhecimento da língua como dificuldade na interpretação de textos em Inglês.

A Seção III do Questionário 2 encarregou-se de analisar a relevância do hipertexto para o Curso Técnico em Enfermagem da Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras da Universidade Federal de Campina Grande. Esta seção contém apenas uma pergunta, a Questão 7, com alternativas binárias seguidas de justificativas, conforme a íntegra a seguir:

Questão 7. Você acredita que a leitura de hipertextos possa ser relevante para o seu curso técnico? Justifique sua afirmação.

Todos os alunos afirmaram que a leitura de hipertextos é relevante para seu curso técnico. Entre as principais justificativas da afirmação, sobressaem as dos P21 à P24.

P21: Sim. Pois sempre trás mais recursos do que na folha. Também podemos usar a Internet para fazer pesquisas.

P22: Sim. Pois na realização de trabalhos acadêmicos utilizamos muito a leitura de hipertextos.

P23: Acredito que sim, pois no curso que estudamos, temos que nos manter informado, sobretudo o que acontece na atualidade, e o hipertexto pode ajudar, já que está ligado a Internet.

P24: Sim. Por trazer muitas informações, por ter a possibilidade de entrarmos em outros textos e aprendermos mais

Os estudantes relatam a relação da leitura hipertextual com a realização de trabalhos acadêmicos, já que muitos deles utilizam a Internet como fontes de pesquisas. Ainda, observa-se que o P23 expõe a possibilidade de se utilizar o a leitura de hipertexto como uma maneira dos estudantes acompanharem as mudanças que ocorrem no cenário mundial, especialmente na área das ciências médicas. Também, o P24 ratifica o princípio do hipertexto, considerado uma rede formada de nós ou conexões (Levy, 1995). Logo, as considerações feitas pelos participantes da pesquisa revelam a importância que o hipertexto representa para o Curso Técnico em Enfermagem da ETSC.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esta pesquisa, entendo que a educação, apesar dos obstáculos encontrados neste cenário de mudanças na sociedade contemporânea, vem incorporando em sua essência os elementos que constituem os processos de globalização, e vem recebendo grande influência do mundo globalizado, seja na implementação de tecnologias que possam potencializar o processo de ensino-aprendizagem, na re-elaboração de propostas pedagógicas que contemplem em seu currículo as novas tecnologias, ou ainda, na formação de cidadãos que buscam inserção em um mundo cada vez mais marcado pelas constantes inovações de importantes setores do Brasil e do mundo. Assim, este estudo, que partiu das faces da educação para investigar o uso destas tecnologias como ferramentas pedagógicas, entende que essas tecnologias podem auxiliar as práticas docentes e discentes.

Embora haja a resistência dos envolvidos no processo de mudanças quanto ao uso indevido de tecnologias, ou ainda aos impactos ambientais trazidos pela modernização das tarefas humanas, essas transformações podem ser observadas diariamente na descoberta de novas tecnologias que podem facilitar, melhorar e/ou beneficiar, não necessariamente nessa ordem, as atividades inerentes ao homem.

No que diz respeito ao uso das TIC no contexto desta pesquisa, e com base nos resultados obtidos, pôde-se constatar que os estudantes do Curso Técnico em Enfermagem da ETSC possuem afinidade com estas tecnologias, seja para propósitos acadêmicos, profissionais, políticos, e/ou culturais. Entre esses propósitos, os estudantes indicaram o uso das mesmas para a realização de atividades em diversos contextos do cotidiano. Entre elas, destacam-se a utilização destas tecnologias para suas leituras diárias. É importante dizer que os participantes desta pesquisa nasceram após a década de 1990, inseridos em um cenário mundial marcado por grandes transformações tecnológicas, principalmente em relação ao acesso à Internet, ou seja, os participantes desta pesquisa principiaram suas vidas em um mundo caracterizado pela modernização das atividades humanas e pela velocidade de trocas de informações. Nesse sentido, esses sujeitos são frutos de uma geração que nasceu no âmago das mudanças tecnológicas ocorridas na sociedade contemporânea. Assim, coube ao estudo, a investigação do fenômeno do processo de leitura atrelado ao uso de determinadas TIC, por exemplo, computadores, notebooks, *tablets* e *smartphones* conectados ao ambiente da *web*. Essa prática leitora caracteriza o processo de leitura de hipertextos. Embora existam autores que descrevem o hipertexto baseado em diferentes princípios, esta pesquisa partiu da concepção de que o hipertexto ocorre ao uso dos suportes digitais, ou seja, adjunto ao computador e ao ambiente da *Internet*. Ainda, a pesquisa encarregou-se de identificar as práticas leitoras de textos impressos, assim, analisando as semelhanças e/ou diferenças entre a leitura de textos no papel e dos hipertextos.

Quanto às práticas leitoras dos participantes do estudo, observou-se uma preferência à leitura de hipertextos, já que o mesmo permite ao leitor um espaço de leitura caracterizado pela não-linearidade, pela autonomia, ainda que relativamente, já que a construção deste espaço é composta por diversos sujeitos, pela intertextualidade e pelos elementos hipertextuais, tais como, vídeos, sons, imagens e fóruns de interação. Isso pode ser elucidado pelo caráter contemporâneo que o hipertexto apresenta, especialmente pelo fato de sua coexistência às luzes do espaço da Internet. Entretanto foram identificados sujeitos que resistiam ao uso do hipertexto em suas práticas leitoras, tanto por questões de uso das TIC como pela praticidade no manuseio de textos impressos. Suponho ainda que a questão da praticidade, por sua vez, pode ir além da facilidade em manusear textos no papel, já que esta geração iniciou seu processo de alfabetização em uma época em que ter acesso a um texto, que não fosse aquele impresso no papel, era algo, praticamente, inexistente nas escolas e lares

das famílias brasileiras. Dessa forma, a geração dos participantes desta pesquisa cresceu aos ventos das transformações ocorridas na prática leitora da sociedade moderna.

No tocante às práticas de leitura em textos impressos e hipertextos, observamos que existem diferenças entre ambos os processos. Essas dessemelhanças apontaram aspectos positivos do uso de hipertextos nas aulas de Língua Inglesa, visto que os participantes do estudo destacaram particularidades da leitura em ambientes midiáticos, por exemplo, o volume informacional encontrado nos sítios da *web*, a interatividade entre os leitores do hipertexto, as muitas possibilidades de leitura dentro de um espaço formado por conexões que estão em constante movimento. Logo, as Tecnologias da Informação e Comunicação vêm diversificando uma das mais milenares atividades humanas, a leitura. Nesse sentido, o espaço da *Internet* possibilita ao leitor uma dinâmica comunicativa caracterizada pela velocidade no acesso às informações, pelo encurtamento de distâncias físicas entre os sujeitos, e ainda pelo intercâmbio de experiências que ultrapassa as fronteiras de uma cidade, estado ou país.

Analisando esse contexto comunicativo do uso de textos impressos e de hipertextos nas aulas de Língua Inglesa, o estudo buscou aprofundar-se nas estratégias de leituras utilizadas em ambas as práticas leitoras para a construção de sentido. Unanimemente, tanto no texto impresso quanto no hipertexto, os estudantes assinalaram o uso de palavras cognatas como uma forma de compreender melhor o texto. Isso significa que os participantes utilizam as palavras similares à Língua Portuguesa para a construção de sentido de suas leituras em Língua Inglesa. Essa estratégia de leitura demonstra a forte relação que os leitores de hipertextos estabelecem com a leitura de textos impressos. Todavia, essa associação entre ambas as práticas leitoras não é caracterizada pela maior relevância de uma à outra. Na verdade, esse fato pode ser aclarado pela natureza de uma geração que cresceu, e ainda se encontra, circundada tanto pelo tradicional texto impresso quanto pelos hipertextos. Além disso, a pesquisa revelou que as estratégias de leitura utilizadas tanto no texto impresso quanto no hipertexto não se diferenciaram. Em ambas as práticas leitoras, os participantes alçaram mão das estratégias *skimming*, *prediction* e *inference*. Embora a estratégia *scanning*, que consiste em obter informações específicas do texto ou hipertexto, não tenha sido mencionada nas respostas dos alunos, o fato pode ser fundamentado pelas fortes características que as outras três habilidades apresentam na leitura em Língua Inglesa, uma vez que, na minha prática docente, percebo que os estudantes brasileiros recebem grande influência da Língua Portuguesa, ou seja, eles procuram construir uma visão geral do texto, inferir informações com base nas palavras conhecidas, em especial as cognatas, e ainda prever o conteúdo de textos e hipertextos levando em consideração seus próprios conhecimentos prévios.

Por conseguinte, as diferenças e semelhanças entre a leitura de textos impressos e de hipertextos nas aulas de Língua Inglesa podem ser compreendidas em dois aspectos. A primeira, aquela que está relacionada com a estrutura física do texto e do hipertexto, com o arranjo de informações, com o *layout* de cada um e de seus elementos hiper-textuais. Nesse aspecto, o escopo que o hipertexto apresenta em sua organização é aquele caracterizado pela modernização do processo comunicativo entre os sujeitos, o que pode tornar-se mais interessante aos atuais e futuros leitores deste país. Além disso, neste primeiro aspecto, encontram-se inseridas as questões de interatividade entre leitores e de construção de leituras lineares e não lineares. Entretanto, a segunda vertente encontra-se associada às semelhantes estratégias de leituras utilizadas para construção de sentido de textos e hipertextos. Dessa forma, a leitura de textos impressos e hipertextos apresentam singularidades que apontam diferentes possibilidades de sua utilização nas aulas de Língua Inglesa.

O estudo realizado na Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras da Universidade Federal de Campina Grande com os estudantes do Módulo Básico do Curso Técnico em Enfermagem procurou contribuir para o melhoramento da minha prática pedagógica, primeiramente, e,

principalmente, no que diz respeito à utilização da leitura de textos impressos e hipertextos para o ensino do idioma. Além disso, esta pesquisa buscou auxiliar a formação técnica dos estudantes do curso, já que o ensino de Língua Inglesa delineado pelo uso das Tecnologias da Informação e Comunicação pode contribuir na inserção desses futuros profissionais em um contexto global caracterizado pelos avanços tecnológicos que vem afetando diretamente a sociedade contemporânea.

6 REFERÊNCIAS

ABREU, Rosane de Albuquerque dos Santos. Mudanças geradas pela Internet no cotidiano escolar: as reações dos professores. *Paidéia*. v.16. n. 33. P.193-203, 2006.

BALADELLI, Ana Paula Domingos; BARROS, Marta Silene Ferreira; ALTOÉ; Anair. Desafios para o professor na sociedade da informação. *Educar em Revista*. Curitiba. n.45, Curitiba. Jul/Set. 2012. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/educar/about>>. Acesso em: 22 Março. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/SEF, 2016.

_____. Ministério da Educação. Conferência Nacional de Educação. Disponível em <<http://conae.mec.gov.br/a-conferencia>>. Acesso em 18/02/2016 as 8:25.

_____. Ministério da Educação. Conferência Nacional de Educação. Ministério da Educação. Disponível em <<http://conae.mec.gov.br>>. Acesso em 18/02/2016 as 8:20.

_____. Ministério da Educação. Fórum Nacional de Educação. Disponível em <http://fne.mec.gov.br/o-forum>. Acesso em 18/02/2016 as 9:00.

_____. Ministério da Educação. Principais Ações e Programas de responsabilidade do Ministério da Educação no PPA 2012-2015. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view > Acesso em 18/02/2016 as 14:50.

_____. Ministério da Educação; Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação. Ciência Sem Fronteiras. Disponível em < <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>> Acesso em 07/04/2017 às 8:40.

BROCH, José Carlos. O Conceito de Affordance como estratégia generativa no design de produtos orientado para a versatilidade. 2009. 99f. Dissertação (Mestrado em Design e Tecnologia). Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

BROWN, H. **Douglas. Teaching by Principles: An Interactive Approach to Language Pedagogy**. 3.ed. New York: Pearson Longman, 2007.

BUSH, VANNEVAR. As we may think, *The Atlantic Monthly*, 1945. Tradução: Marcelo Stoppa A. Corrêa.

CABRAL FILHO, Adilson Vaz. CABRAL, Eula Dantas Taveiras. Mapeamento da inclusão digital no Brasil. *Revista Eptic Online*. Universidade Federal de Sergipe. v.15, nº 1, p.4-9, fevereiro, 2013.

CELCE-MURCIA, Marianne. **Teaching English as a Second or Foreign Language**. 3.ed. Heinle Cengage: Boston, 2001.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação nos domicílios brasileiros [livro eletrônico]: TIC domicílios 2014 = Survey on the use of information and communication technologies in brazilian households :

ICT households 2014 / coordenação executiva e editorial/executive and editorial coordination, Alexandre F. Barbosa]. São Paulo: CGI.br, 2015. 3Mb; PDF.

CORREIA, Joelma Reis. Concepções e práticas de leitura em turmas de alfabetização em São Luís do Maranhão. 21 de janeiro de 2011. 146f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho-UNESP. São Paulo 2011.

COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane Dutra, FRAGOSO, Suely. Práticas Cotidianas de acesso às TIC: outro modo de compreender a inclusão digital. Palabra Clave. Universidad de La Sabana. V.18. n.1. p. 156-183, março, 2015.

COSCARELLI, Carla Viana. Entendendo a leitura. Revista de Estudos da Linguagem. Belo Horizonte: UFMG. V. 10, n. 1, p.7-27, jan./jun. 2002.

_____. Os dons do hipertexto. Littera: revista de Linguística e Literatura, Pedro Leopoldo, Faculdades Integradas Pedro Leopoldo, v. 4, n. 4, p. 7-19 jul./dez. 2006.

DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges; FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 9, n. 3, p. 439-448, set./dez. 2004.

DORNEY, Zoltan. **The Psychology of Second Language Aquisition**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

DORNEY, Zoltan. **Research methods in applied linguistics: Quantitative, qualitative and mixed methodologies**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. In: HILLESHEIN, Betina; et al. Leitura: entre texto e leitor. Fractal: Revista de Psicologia, Niterói, v. 23, n. 2, p. 305-316, Maio/Ago, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HILLESHEIN, Betina; et al. Leitura: entre texto e leitor. Fractal: Revista de Psicologia, Niterói, v. 23, n. 2, p. 305-316, Maio/Ago, 2011.

KENSKI, Vani Moreira. Novas Tecnologias, o redimensionamento do do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. Bogotá: UNIANDÉS, v. 12, n. 1, p. 35-53, 1999.

KRESS, Gunther Rolf; van LEEUWEN, Theo. **Multimodal Discourse: the modes and media of contemporary communication**. London: Arnold, 2001.

LEMKE, J.L. Travels in Hypermodality. **Visual Communication**, vol. 1, n.3 2002, p. 324-325 In GOMES, Luiz Fernando. Hipertextos Multimodais: o percurso de apropriação de uma modalidade com fins pedagógicos. 2007. 202f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2003.

LEFFA, José Vilson. **Aspectos da leitura: Uma perspectiva psicolinguística**. 1ed. Porto Alegre: Sagra-D.C. Luzzato, 1996.

LEFFA, José Vilson; CASTRO, Rafael Vetromille. Texto, Hipertexto e Interatividade. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. V. 16, n. 2, p. 166-192, jul./dez. 2008.

GIBSON, James Jerome. **The Ecological Approach to Visual Perception**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1986. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books>> Acesso em: 20 de abril de 2017.

GOMES, Luiz Fernando. Hipertextos Multimodais: o percurso de apropriação de uma modalidade com fins pedagógicos. 2007. 202f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

MASSI, Luciana. Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação em Ciências. Tecné, Episteme y Didaxis: TED. Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional. n. 37, p.7-9, jan. 2015.

NASCIMENTO, Raimundo Benedito do; TROMPIERI FILHO, Nicolino. Atitudes face as Tecnologias da Informação. Transição. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas. v.16. n.1. p.33-45. Jan./abr. 2004.

NELSON, Theodor Holm. Ted Nelson demonstrates Xanadu Space. Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=En_2T7KH6RA>. Acesso em: 16 mar. 2015.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes. English Language teaching and learning in the Age of Technology. Anais III Congresso Internacional da ABRAPUI, 2012.

SELWIN, N., GORARD, S., FURLONG, J. **Whose Internet is it anyway?** Exploring adults' (non) use of the Internet in Everyday Life. European Journal of Communication, V. 20 n1, p. 5-26, 2005 In COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane Dutra, FRAGOSO, Suely. Práticas Cotidianas de acesso às TIC: outro modo de compreender a inclusão digital. Palavra Clave. Universidad de La Sabana. V.18. n.1. p. 156-183, março, 2015.

SNYDER, Ilana. **Hypertext. The Eletronic Labyrinth**. Washington: New York University Press, 1997 In XAVIER, Antônio Carlos. *O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo da enunciação digital*. 2003. 220f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6ed. São Paulo: Artmed, 1998.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. 1 ed. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.

VALLE, Luiza Helena L. Ribeiro do; MATTOS, Maria José Viana Marinho de, COSTA, José Wilson da. **Educação Digital: A tecnologia a favor da informação**. São Paulo: Penso, 2013.

VERGNANO-JUNGER, Cristina de Souza. In: TAVARES, Kátia; BECHER, Sílvia; FRANCO, Cláudio. **Ensino de Leitura: fundamentos, práticas e reflexões para professores da era digital**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras Universidade Federal do Rio de Janeiro.

XAVIER, Antônio Carlos. *O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo da enunciação digital*. 2003. 220f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

7 ANEXOS

Anexo A - Modelo do Questionário 1



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

QUESTIONÁRIO 1

Caro aluno, sou Renato César Oliveira Junior, estudante do Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Este questionário é um valioso instrumento de minha pesquisa com foco na disciplina de Língua Inglesa. Nesse sentido, conto com sua colaboração para responder o questionário abaixo com o objetivo de contribuirmos com os estudos referentes à referida disciplina e ao campo da Educação.

ESCOLA TÉCNICA DE SAÚDE DE CAJAZEIRAS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

PROFESSOR/PESQUISADOR: RENATO CÉSAR OLIVEIRA JUNIOR

CURSO/MÓDULO: CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM / MÓDULO BÁSICO

PARTICIPANTE (OPCIONAL): _____

Questão 1. Qual é a sua faixa etária?

- a) 17 a 21
- b) 22 a 26
- c) 27 a 31
- d) acima de 31

Questão 2. Você se considera um sujeito inserido tecnologicamente no atual cenário da sociedade moderna?

- SIM
- NÃO

Caso sua resposta seja SIM, qual (quais) fator (es) contribui (em) para sua inserção nesse cenário?

Caso sua resposta seja NÃO, por que você se considera fora do contexto tecnológico?

Questão 3. Em relação ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC, quais dispositivos você utiliza com maior frequência em seu cotidiano?

Questão 4. Em sua opinião, quais são as vantagens e/ou desvantagens da utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação na vida cotidiana?

Questão 5. Você percebe no seu curso a inserção de novas tecnologias no processo de formação profissional dos estudantes?

SIM

NÃO

Caso sua resposta seja SIM, qual(uais) ferramenta(s) tecnológica(s) é(são) inseridas nas atividades técnicas de seu curso?

Caso sua resposta seja NÃO, justifique suas respostas.

Questão 6. Em relação à Internet, com que frequência você acessa esse ambiente?

a) sempre, ou seja, todos os dias

b) às vezes

c) raramente

d) nunca

Questão 7. Caso, de alguma maneira você acesse a Internet, assinale com um X suas atividades realizadas nesse ambiente.

enviar e receber email

ler notícias em sites, blogs, revistas e jornais

fazer compras

realizar vídeo conferências

pagar contas

acessar às redes sociais

assistir vídeos

outras: _____

Questão 8. Você considera o uso das novas tecnologias fundamental para sua formação técnico-profissional?

SIM

NÃO

Caso sua resposta seja SIM, qual (quais) motivo(s) o levou a crer nessa afirmação?

Caso sua resposta seja NÃO, por que você não acredita que o uso das novas tecnologias seja fundamental para sua formação técnico-profissional?

Anexo B - Modelo do Questionário 2



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

QUESTIONÁRIO 2

Caro aluno, sou Renato César Oliveira Junior, pós-graduando em Educação Agrícola pelo PPGEA/UFRRJ. Este questionário é um valioso instrumento de minha pesquisa com foco na disciplina de Língua Inglesa. Nesse sentido, conto com sua colaboração para responder ao questionário abaixo com o objetivo de contribuímos para os estudos referentes à referida disciplina e ao campo da Educação.

ESCOLA TÉCNICA DE SAÚDE DE CAJAZEIRAS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

PROFESSOR/PESQUISADOR: RENATO CÉSAR OLIVEIRA JUNIOR

CURSO/MÓDULO: CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM / MÓDULO BÁSICO

PARTICIPANTE (OPCIONAL): _____

Questão 1. Você conhecia a leitura de hipertextos antes da realização da atividade no laboratório de informática? Caso SIM, em que situação você lê hipertextos?

Questão 2. Em suas práticas leitoras cotidianas, você prefere utilizar textos impressos ou hipertextos? Por quê?

Questão 3. Em sua opinião, existem diferenças entre a leitura em Língua Inglesa de textos impressos e de hipertextos? Quais são elas? E semelhanças? Você poderia apontar algumas?

Questão 4. Quais estratégias você utilizou na leitura para compreender o texto em Língua Inglesa proposto no papel? E no hipertexto?

Questão 5. Os elementos textuais o auxiliaram na leitura do texto impresso em Língua Inglesa? E no hipertexto? Caso SIM, quais?

Questão 6. Existiram dificuldades diferentes para ler o texto impresso e/ou o hipertexto? Caso SIM, quais?

Questão 7. Você acredita que a leitura de hipertextos possa ser relevante para o seu curso técnico? Justifique sua afirmação.

Anexo C - Atividade de leitura utilizada na Aula 1 (texto impresso)



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

5 Surprising Things That Can Affect Your Breast Milk Supply

Herbs, spices, and allergy meds are just a few of the things that can affect your supply of breast milk.

By Carrie Murphy

If you're a breastfeeding new mom, you've probably already discovered that nursing can be confusing and occasionally difficult. From getting your baby to latch on properly to mastering the football hold, there's plenty to stress out over—but few things make a new mom worry more than the topic of breast milk supply. Building, maintaining, and even increasing milk supply is just one piece of breastfeeding success, but it's certainly an important one—and one that's commonly misunderstood by moms and professionals alike. It's normal for new moms to have lots of questions about whether or not they are making enough breast milk to feed their babies. The good news is that the vast majority of mamas will create an appropriate supply just through breastfeeding on-demand and frequent skin-to-skin contact with their babies. Still, it helps to understand some of the factors that can negatively impact your ability to produce enough of that liquid gold. Surprisingly, these five things can reduce your breast milk supply:

1. **Allergy and cold medication:** Pseudoephedrine, a common ingredient in many over-the-counter allergy and cold medications can decrease breast milk production. This is not good news for nursing mamas that suffer from severe seasonal allergies, but all is not lost: a dosage of this drug isn't likely to affect breast milk production once your supply is well-established. So while you might consider avoiding it in the first few weeks after giving birth, you may be able to take it later on without much risk to your milk supply.
2. **Postpartum hemorrhage:** Hemorrhage after birth is a scary experience—and it certainly doesn't make things any better to know that it can also inhibit early breastfeeding. Basically, the thinking is that the traumatic birth and maternal stress experienced during a large loss of blood can inhibit lactogenesis, or the making of milk. Having a hemorrhage can affect when your milk comes in and how much you end up making, especially if the hemorrhage caused you to be separated from your baby. But don't be discouraged: Once you feel up to it, you can certainly start to breastfeed frequently, letting your body know that there is indeed a baby that needs to be fed. Pumping can also help you increase breast milk supply after a hemorrhage.
3. **Low thyroid:** Hypothyroidism, or a low-functioning thyroid, can interfere with milk production. The thyroid helps in the regulation of both prolactin and oxytocin, two main hormones involved in breastfeeding, although research has been scant on the exact effect of the thyroid on breast milk supply. If you realize your baby isn't getting enough breast milk, one of the first things to do is to have your thyroid checked. Postpartum thyroiditis, in which the thyroid gland becomes inflamed, will affect 4 to 9 percent of women in the first year after giving birth. This condition can eventually cause low thyroid, so it's important to be proactive with thyroid conditions as a new mother.
4. **Certain herbs and spices:** You've likely heard of galactagogues—herbs like fenugreek that can help induce, maintain, and increase milk supply. There are also quite a few herbs and spices that can lower your milk supply. Sage, peppermint, oregano, lemon balm, parsley, and thyme are said to decrease milk flow during breastfeeding when taken in large quantities. But don't freak out: If you're not eating copious amounts of them, you'll likely be just fine. You can still cook with them or use them in other useful ways in your home. However,

if you're an essential oil user, you may want to do more research about certain oils made with these herbs to find out if and how they can affect breastfeeding.

5. **Hormonal birth control:** The majority of hormonal birth control methods are just fine for breastfeeding. But a few of them, especially those containing estrogen, could affect the amount of breast milk you make. Birth control options that have progestin only (as opposed to progesterone and estrogen) are generally a better choice for nursing moms. The Mirena IUD, the shot (Depo-Provera), the implant (Implanon), and the mini-pill are examples of progestin-only birth control options. If you're concerned about hormones and breastfeeding, make sure you talk with your provider and make it clear that maintaining a good milk supply is important to you when deciding on post-birth contraception.

SOURCE:<http://www.parents.com/baby/breastfeeding/breast-milk/surprising-things-that-can-affect-your-breast-milk-supply/>

EXERCISES

READ THE TEXT AND ANSWER THE QUESTIONS.

1. QUAL É O PRINCIPAL ASSUNTO DO TEXTO?

2. QUEM É O AUTOR DO TEXTO?

3. ASSINALE A(S) ALTERNATIVA(S) VERDADEIRAS.

- () A AMAMENTAÇÃO É UMA TAREFA FÁCIL.
() AS MÃES USUALMENTE TÊM MUITAS DÚVIDAS EM RELAÇÃO A AMAMENTAÇÃO.
() OS FATORES QUE AFETAM A AMAMENTAÇÃO SÃO POSITIVOS.

4. QUAIS SÃO OS FATORES QUE AFETAM A AMAMENTAÇÃO DOS BEBÊS?

Anexo D - Atividade de leitura utilizada na Aula 2 (hipertexto)



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

Breast Milk Donated or Sold Online Is Often Tainted, Study Says

READ THE ONLINE TEXT ³ AND ANSWER THE QUESTIONS

1. Qual é a idéia central do texto?

2. Onde o estudo foi publicado?

3. Qual é o problema com o leite comercializado ilegalmente na net?

4. Qual é a ocupação de Richard?

5. Quem são os maiores beneficiados com o comércio do leite materno?

SOURCE: <http://www.nytimes.com/2013/10/21/health/breast-milk-donated-or-sold-online-is-often-tainted-study-says.html>

A. *Prints* da página do sítio utilizado na Aula 2.

³ A palavra texto não corresponde à sua definição apontada por este estudo. O termo texto online foi utilizado levando em consideração o conhecimento prévio dos participantes da pesquisa.

Website: <http://www.nytimes.com/2013/10/21/health/breast-milk-donated-or-sold-online-is-often-tainted-study-says.html>

Breast Milk Donated or Sold Online Is Often Tainted, Study Says

By NICHOLAS BAKALAR OCT. 21, 2013

418

Breast Milk Donated or Sold Online Is Often Tainted, Study Says

By NICHOLAS BAKALAR OCT. 21, 2013

418

RECENT COMMENTS

Laura October 21, 2013
It does seem a bit odd to not have any research as to if any babies got sick? This seems like an important fact. I had low milk supply...

astbyyyd October 21, 2013
I think it needs to be stated that formula is a highly processed product and is not the same as buying a carton of milk at the store. ...

Kari Swanson October 21, 2013
Of the 101 samples from the milk-sharing sites were any of them formula or cow's milk, or anything other than breast milk? If the answer to...

SEE ALL COMMENTS

Breast Milk Donated or Sold Online Is Often Tainted, Study Says

A cottage industry has sprung up facilitating the sale and donation of human [breast milk](#) on the Internet, but a [study](#) published Monday in the journal *Pediatrics* confirms the concerns of health professionals over this unregulated marketplace.

The report found that breast milk bought from two popular Web sites was often contaminated with high levels of bacteria, including, in a few instances, [salmonella](#). The amounts detected in some samples were sufficient to sicken a child.

"The study makes you worry," said Dr. Richard A. Polin, the director of neonatology and perinatology at Columbia University, who was not involved in the research. "This is a potential cause of disease. Even with a relative, it's probably not a good idea to share."

After a spate of research showing that breast milk protects infants from infections and other ailments, health care providers in recent years have strongly encouraged new mothers to abandon formula and to breast-feed. But this can be a difficult challenge. Parents who have adopted, for instance, or have had mastectomies — or who simply do not produce enough milk — often rely on donated or purchased breast milk.

ADVERTISEMENT



Breast Milk Donated or Sold Online Is Often Tainted, Study Says

"Milk-sharing" Web sites host classified advertisements from women wishing to buy, sell or donate breast milk. "My daughter is two months old and has gained five pounds and grown three inches since birth!" reads one ad. "I have a serious oversupply and I am looking to free up room in my freezer."

Some sites discourage paying for breast milk, while others actively endorse the practice. Advertisements from some sellers play up the convenience and price, which can be as low as \$1.50 an ounce. But many women wish to donate milk simply to help out fellow mothers in need.

Rachel Holtzman, 31, a writer who lives in Brooklyn, had [breast reduction](#) surgery that unexpectedly left her unable to lactate. After giving birth to Levi, now 4 1/2 months old, she turned to a network of women in Park Slope who were willing to donate their breast milk. It has been a largely positive experience.

"We worried at first," she said. "We wanted to be mindful that the donors were healthy, but there was never a moment when we were afraid. We've had the milk of about 30 women and have never had a problem."

Women who do not wish to rely on an informal network may turn to breast milk banks, which store and sell breast milk from donors. Thirteen banks in the United States and Canada follow voluntary guidelines set up by the Human Milk Banking Association of North America, which require that donors and donations be screened, and that milk be pasteurized.

But milk banks give priority to premature infants with significant medical



Breast Milk Donated or Sold Online is Often Tainted, Study Says

www.nytimes.com/2013/10/21/health/breast-milk-donated-or-sold-online-is-often-tainted-study-says.html?_r=0

HEALTH | Breast Milk Donated or Sold Online is Often Tainted, Study Says

demand. In 2011, there were more than 13,000 postings on the four leading milk-sharing Web sites, according to Sarah Keim, an assistant professor of pediatrics at Ohio State and a researcher at Nationwide Children's Hospital in Columbus, Ohio.



Many parents rely on supplies from "milk-sharing" Web sites, James Estrin/The New York Times

Novo Gol
Com My Guide. O carro dá dicas para você.



SAIBA MAIS